

Darlene Maria Medeiros Garcêz Cunha

**O Teatro como caminho para Conhecimento e
Transformação na/da Sala de Aula:
experiência com ensino/aprendizagem
em Escolas Públicas**

Uberlândia, MG

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES – IARTE
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES/PROFARTES

Darlene Maria Medeiros Garcêz Cunha

O Teatro como caminho para Conhecimento e
Transformação na/da Sala de Aula:
experiência com ensino/aprendizagem
em Escolas Públicas

Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação: Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES) do Instituto de Artes, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Ensino de Artes

Orientador: Prof. Dr. Luiz Humberto Martins Arantes.

Uberlândia, MG

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

C972t
2018

Cunha, Darlene Maria Medeiros Garcêz, 1983 -

O teatro como caminho para conhecimento e transformação na/da sala de aula [recurso eletrônico]: experiência com ensino/aprendizagem em escolas públicas / Darlene Maria Medeiros Garcêz Cunha. - 2018.

Orientador: Luiz Humberto Martins Arantes.

Artigo (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Artes (PROFARTES).

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.1328>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Artes. 2. Escolas públicas. 3. Ambiente de sala de aula. 4. Teatro do oprimido. 5. Bullying nas escolas. 6. I. Arantes, Luiz Humberto Martins, 1968-. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em Artes (PROFARTES). III. Título.

CDU: 7

Isabella de Brito Alves - CRB-6/3045



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES – IARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES



Prof. Artes

**O Teatro como caminho para conhecimento e transformação na/
Sala de Aula: Experiência com ensino/aprendizagem em Escolas
Públicas**

Trabalho de conclusão defendido em 08 de Agosto de 2018.

Prof. Dr. Luiz Humberto Martins Arantes – Orientador/Presidente

Profa. Dra. Rosimeire Gonçalves dos Santos – UFU

Profa. Dra. Mariana Batista Nascimento – ESEBA

Resumo

Este artigo faz uma abordagem do teatro como ação pedagógica em sala de aula, capaz de auxiliar o processo educacional de forma a imprimir nele maiores significados. Assim, analisa-se a contribuição do campo do ensino da Arte no desenvolvimento dos alunos do quinto ano do Ensino Fundamental. Por meio deste texto, pretende-se estimular a discussão sobre o potencial do teatro nas aulas de Artes como possibilidade para repensar as práticas de bullying e a cultura dos estereótipos no ambiente escolar. Para isso, optou-se por técnicas do Teatro do Oprimido de Augusto Boal, as quais propiciaram transformações na ampliação do conhecimento, na sensibilidade e na tolerância dos estudantes.

Palavras-chave: Sala de aula; Escolas públicas; Teatro do Oprimido; Bullying; Teatro-educação.

Abstract

This article takes an approach from the theater as a pedagogical action in the classroom, able to aid the educational process in order to impress on it greater meanings. Thus, we analyze the contribution of the field of Art teaching in the development of the fifth year of elementary school. Through this text, it is intended to stimulate the discussion about the potential of theater in the Arts classes as a possibility to rethink the practices of bullying and the culture of stereotypes in the school environment. For this, we opted for Augusto Boal's Theater of the Oppressed techniques, which led to transformations in the expansion of knowledge, sensitivity and tolerance of students.

Keywords: Classroom; Public schools; Theater of the Oppressed; Bullying; Theater-education.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a DEUS, por ter me permitido chegar até aqui, e por todas as pequenas confirmações que fui tendo ao longo do caminho.

Ao meu amado marido e melhor amigo, Gustavo, pela ternura com que me acompanhou (desde sempre!), pela paciência e por exigir tão pouco. Vocês não têm ideia do que é uma mulher cansada, estressada e abatida tendo a bênção do consolo de um anjo como esse!

Aos meus pais, por terem me dado educação, valores e por terem me ensinado a andar. Vocês me criaram, ensinando-me a ler (viu como aprendi direitinho?) A vocês que, muitas vezes, renunciaram aos seus sonhos para que eu pudesse realizar o meu, partilho a alegria deste momento.

Ao meu orientador Prof. Dr. Luiz Humberto que, mesmo antes da minha inscrição no processo seletivo, incentivou-me dizendo "acho que você tem que fazer". Pelas puxadas de orelha e do braço de quem me chamou para "cair na real" nas tantas vezes em que hesitei.

Às professoras Rose e Mariana, que aceitaram compor minha banca de qualificação e de defesa, pelas sugestões e análises significativas às quais tentei atender na versão definitiva do texto.

Às professoras Renata e Paulina, muito obrigada pelo estímulo à pesquisa e pelos empurrõezinhos dados nesse tempo.

Há aquelas pessoas especiais que indiretamente me incentivaram. Os colegas de trabalho, os amigos de longe... Aos queridos amigos da Igreja Batista do Parque, irmãos que Deus colocou em minha vida e eu escolhi para conviver. Como é bom rir aos sábados até 2 da manhã com vocês!

À Silvana, então diretora da E. M. Prof^a Carlota, pelo empenho em permitir que eu realizasse o projeto, mesmo com tantas dificuldades.

Aos meus colegas de turma, pela descoberta de tão ricas amizades e pelos constantes "levanta e anda" que nos demos mutuamente. Uma turma unida e solidária, como diziam os professores, coisa rara de se ver em turmas de mestrado. É muita phineza! (phineza mesmo, com ph!)

Pela honrosa oportunidade de participar de um universo intelectual tão incentivador, desenvolvido pelo contato com professores e colegas de pós-graduação empenhados em entender o poder de transformação que as artes (especialmente o teatro) têm sobre uma pessoa.

Não foi fácil chegar até aqui. Do processo seletivo, passando pela aprovação até a conclusão do Mestrado, foi um longo caminho percorrido. Nada foi fácil, muito menos tranquilo, afinal...

“A sola do pé conhece toda a sujeira da estrada” (Provérbio africano).

SUMÁRIO

Introdução.....	8
Escolas públicas: um breve relato de experiência.	8
Professora em início de carreira: a realidade da escola	12
Onde cabe a aula de teatro na escola?	14
O encontro com o método do Teatro do Oprimido (T.O.).....	15
O desenvolvimento do projeto na E. M. Profª Carlota de Andrade Marquez.....	16
Desafios do ambiente escolar	17
Destaques.....	19
Escolha das temáticas e proposição da peça.....	19
Ensaaios: encontros e desencontros	20
Apresentação na escola e na VI Mostra de Teatro Escolar da UFU.....	22
Considerações finais.....	30
Referências bibliográficas	33
Apêndice 1 - Relato das aulas com a turma do 5º ano e Portfólio de atividades.....	35
Apêndice 2 - Portfólio de atividades	51
Apêndice 3 - É ao meio dia que o sol encara sua sombra de frente.....	54

Introdução

Este texto relata o processo de pesquisa da experiência com teatro em sala de aula, dando ênfase na metodologia do Teatro do Oprimido de Augusto Boal como recorte metodológico de ensino na aula de Artes.

Esse recorte foi propulsionado pela percepção que tive, dentro de escolas públicas de periferia da cidade, da crescente prática de *bullying* e a vivência dos alunos com a violência na comunidade.

Quando me tornei professora de Artes na Rede Municipal de Uberlândia percebi a possibilidade de utilizar nas aulas o “arsenal” cênico como forma de tratar os conflitos no ambiente escolar. Jogos teatrais, criação de cenas, leituras dramatizadas e pequenas apresentações passaram a integrar minha prática como professora de Artes. Esse “tratamento” deu-se mais na forma de trazer à baila os motivos pelos quais os alunos praticam e sofrem *bullying* e violência, falar sobre isso, transformar em cena, expondo a ferida para, talvez, conseguir propor soluções.

O ambiente escolar merece uma atenção diferenciada. Ali, ano após outro, os alunos fazem escolhas que nortearão toda sua vida. Escolhem suas referências, definem gostos, definem heróis e bandidos. Passam a enxergar quem são no mundo. Isso tudo acontecerá, de qualquer forma. Entendi que minha tarefa seria oportunizar que meus alunos pudessem ter um aprendizado significativo em Artes, que os levasse a atuar de forma crítica no mundo, sendo protagonistas de suas vidas.

Por essa razão tomei o Teatro do Oprimido e os jogos teatrais de Augusto Boal como foco de estudo da proposta pedagógica do Prof-Artes e deste artigo que apresento como trabalho de conclusão do Mestrado Profissional em Artes.

No ano de 2017, empreendi minha pesquisa com a turma do 5º ano da Escola Municipal Professora Carlota de Andrade Marquez, localizada no bairro Jardim Célia, em Uberlândia.

No desenvolvimento do projeto, utilizei jogos teatrais de Augusto Boal, jogos teatrais e de expressão corporal aprendidos na minha graduação em Artes Cênicas, jogos da cultura popular e algumas das técnicas do Teatro do Oprimido (T.O.). Mais adiante, explicarei mais detalhes sobre minhas razões por escolher o T.O.

Escolas públicas: um breve relato de experiência.

Em minha graduação na faculdade de Artes Cênicas (UFU) vivenciei muitas experiências. Por se tratar de um curso de Licenciatura, tive disciplinas ligadas à educação, estrutura e funcionamento de escolas de ensino fundamental. Fui apresentada a leituras sobre Paulo Freire, notável educador brasileiro, com atuação e reconhecimento internacionais. Gostei da proposta de educação de Freire,

por entender que o objetivo maior da educação é conscientizar o aluno. Isso significa, em relação às parcelas desfavorecidas da sociedade, levá-las a entender sua situação de oprimidas e agir em favor da própria libertação.

Ainda sobre as experiências que tive no período acadêmico, uma das mais interessantes foi quando, nas disciplinas ligadas ao Estágio Supervisionado, precisei atuar como professora de teatro dentro do ambiente escolar. A faculdade possuía uma lista com escolas cadastradas para receber os estagiários e íamos de acordo com os horários disponíveis. Minha experiência, então, foi numa escola estadual do bairro Jardim Brasília, em Uberlândia. A turma de alunos era composta de adolescentes de doze a dezesseis anos, que estudavam de manhã e tinham aulas de teatro à tarde, duas vezes por semana, durante cinco meses de projeto.

Ao mesmo tempo em que eu ensinava, eu assimilava aquilo que dava certo e o que não dava, aprendia sobre como era importante levar em consideração a vivência de cada aluno e aquilo que eles traziam de bagagem física, emocional e histórica.

Eu gostava de propor desafios. Fazendo uso de jogos teatrais, montagem de pequenas cenas e exercícios de expressão corporal e improviso, eu levava aqueles alunos a vivenciar experiências em que seus próprios medos eram encarados. As revoltas, os conflitos pessoais, as temáticas que os envolviam em suas famílias e comunidade eram os temas das nossas aulas.

Eu sempre pedia, ao final de cada encontro, que eles fizessem um pequeno relatório, contando o que acharam da aula, as impressões, sensações e percepções que tiveram. Demos a isso de “diário de bordo”. Ao lê-los depois, em casa, eu notava o quanto aquelas aulas estavam trazendo impacto sobre a vida de cada um deles. Eles demonstravam, nesses relatórios, o quanto estavam gostando de tudo aquilo, dos enfrentamentos, das reflexões.

O tempo que passei com essa turma foi curto. No semestre seguinte eu estive com outra turma diferente, com a qual desenvolvi um trabalho semelhante. Mas uma coisa ficou palpitando muito forte dentro de mim: eu queria ser professora. Eu sentia que, sendo professora, eu poderia continuar esse trabalho de atuar na vida dos alunos, conduzindo-os a pensar criticamente, mostrando o caminho que pudesse levá-los a sair da condição de seres inofensivos e aproveitáveis: úteis para o mercado, para a força de trabalho, mas inofensivos, inocentes, porque não sabem e não decidem, não são protagonistas na estrutura social e nas suas decisões por falta de conhecimento.

Paulo Freire chamava de "educação bancária" o ensino oferecido pela maioria das escolas, em que o professor age como quem é detentor de todo o conhecimento e deposita-o num aluno completamente dócil e receptivo. Em resposta, ele propôs que a prática na sala de aula pudesse

desenvolver o poder crítico dos alunos. Sua visão de educação contemplava o fato de que o aluno, mesmo o que ainda não está alfabetizado, chega à escola trazendo uma cultura particular, que não é nem melhor nem pior que a do professor. Ambos podem aprender juntos, educando-se entre si, mediados pelo mundo, através de relações afetivas e democráticas, sendo que a todos é dada a possibilidade de expressarem-se.

Porém, mesmo estudando Freire e outros pensadores da educação, eu compreendia que, quando fosse atuar no ambiente escolar, não encontraria um cenário “cor-de-rosa”.

A escola municipal em que desenvolvi a minha pesquisa chama-se Escola Municipal Professora Carlota de Andrade Marquez. Ela foi inaugurada no dia 25 de setembro de 2012 e localiza-se no bairro Jardim Célia, em Uberlândia, MG. A escola atende a comunidade oferecendo o Ensino Fundamental de 1º a 9º ano e Atendimento Educacional Especializado (AEE).

A escola situa-se num bairro de periferia, em que grande parte da comunidade é composta por filhos, esposas e parentes de presidiários. As moradias do entorno da escola fazem parte de um programa habitacional da prefeitura, que privilegia para a aquisição das casas famílias cujos arrimos estivessem no cárcere na data do fechamento do contrato. Além disso, muitos moradores são envolvidos com o tráfico e uso de drogas.

Talvez pelo contexto em que vivem, a maioria dos nossos alunos chegam à escola carregados de comportamentos agressivos, excludentes e conflituosos. A percepção que se tem é a de que eles precisam, de alguma forma, se sobressair aos demais, gritar mais alto, protagonizar. E muitas vezes o meio que usam para isso é o da violência, seja verbal, física ou na prática do *bullying*¹.

Acredito que o teatro na aula de arte é um meio poderoso para colocar os alunos para pensar a própria história, gerando transformação que os levem a saírem da condição de inocentes úteis,

¹ Bullying é uma situação que se caracteriza por agressões intencionais, verbais ou físicas, feitas de maneira repetitiva, por um ou mais alunos contra um ou mais colegas. O termo bullying tem origem na palavra inglesa bully, que significa valentão, brigão. É uma das formas de violência que mais cresce no mundo, podendo ocorrer em qualquer contexto social, como escolas, universidades, famílias, vizinhança e locais de trabalho. O que, à primeira vista, pode parecer um simples apelido inofensivo pode afetar emocional e fisicamente o alvo da ofensa. Além de um possível isolamento ou queda do rendimento escolar, crianças e adolescentes que passam por humilhações racistas, difamatórias ou separatistas podem apresentar doenças psicossomáticas e sofrer de algum tipo de trauma que influencie traços da personalidade. Em alguns casos extremos, o bullying chega a afetar o estado emocional do jovem de tal maneira que ele opte por soluções trágicas, como o suicídio. Por: Revista Nova Escola. Disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/336/bullying-escola> - Acesso em 12 de maio de 2018.

transformando a forma deles enxergarem o mundo e de se ver nele, levando o aluno a se posicionar contra a manipulação, a ignorância, contra a condição de objeto, experimentando, assim, a tentativa de chegar à visão de educação proposta por Paulo Freire.

Usando da linguagem teatral, mais especialmente com o método do Teatro do Oprimido de Augusto Boal, tenho pesquisado a viabilidade de um olhar de apaziguamento e mediação trazido pela arte em um espaço de notória violência, como tem se revelado ser o espaço escolar em que atuo.

Tomando como base a opinião de Augusto Boal, concordo que a educação pela arte “deve trazer felicidade, deve ajudar-nos a conhecermos melhor a nós mesmos e ao nosso tempo (...) O teatro é uma forma de conhecimento e deve ser também um meio de transformar a sociedade. Pode nos ajudar a construir um futuro, em vez de mansamente esperarmos por ele”. (BOAL, 2009, p. 9).

Muitas teorias da educação definem a aprendizagem como um processo pelo qual o ser humano compreende e atua no mundo a sua volta. É por meio dela que descobriremos como funcionam as coisas, e de que modo estabeleceremos as relações com o mundo ao nosso redor. Dessa forma, essa aprendizagem não pode ser carente de significado e sempre deve estar pautada nas experiências do que é real em nossa vida. No nosso cotidiano, todas as principais questões que nos permeiam estão diretamente ligadas àquilo que sabemos e ao acervo de conhecimentos que acumulamos durante a vida. Em virtude disso, para a aprendizagem ocorrer de modo significativo, não podemos, ao longo da vida escolar, receber um ensino que se apresente de forma descontextualizada daquilo que realmente necessitamos para nos desenvolver de forma a construir uma identidade protagonista e a formar nossa autonomia.

Nas aulas, procuro trabalhar com uma abordagem em que o aprendizado se dê pelas próprias descobertas do aluno, valorizando a experiência de vida de cada um. O tipo de abordagem pedagógica que eu sugiro é inspirada na que era praticada por Sócrates na antiga Grécia. Ele afirmava que não se pode ensinar nada a ninguém, pelo fato de que a pessoa já tem, dentro de si, todo o conhecimento (potencial) de que necessita. Sócrates formulava perguntas, fazendo seus aprendizes refletirem e tirarem as suas próprias conclusões. Desta maneira, ele ajudava as pessoas a extraírem, de si mesmas, o conhecimento, chegando por elas próprias à sua verdade. De modo similar, acredito que o arte-educador rigorosamente não ensina algo totalmente novo, mas desperta o potencial que existe dentro do estudante. Assim,

É preciso engendrar uma prática dialética, ou seja, apoiada na dúvida, no conflito e na contradição, que forje novos comportamentos, hábitos e conceitos. Uma práxis educativa comprometida com mudanças estruturais da sociedade manifesta em aulas nas quais o dia a dia dos professores e dos alunos seja traduzido pela força do diálogo e do comprometimento com a transformação. (FARIAS, 2011, p. 171)

Professora em início de carreira: a realidade da escola

Ao concluir a graduação em Artes Cênicas, prestei o concurso público da Prefeitura Municipal de Uberlândia para Professora de Artes. Quando fui chamada para assumir o cargo, haviam algumas escolas disponíveis e procurei aquela que seria mais próxima da casa em que morava.

Fui então para a Escola Municipal Doutor Joel Cupertino Rodrigues. Criada em 17 de dezembro de 1993, situada no bairro Dom Almir. Ela oferece à comunidade o Ensino Fundamental de 1º a 9º ano, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Atendimento Educacional Especializado (AEE). Atende cerca de 1500 alunos dos bairros Dom Almir, Jardim Prosperidade, Celebridade, Joana D'arc e São Francisco.

Eu estava começando a carreira e não sabia exatamente o que fazer. Também não fiquei esperando utopicamente que a direção escolar me desse algum tipo de ensinamento. De toda forma, eu buscava informação com os colegas professores, e no dia a dia eu ia aprendendo a *ser professora*.

A escola, situada num bairro de periferia, recebe alunos de vários bairros vizinhos, alguns deles foram ocupados como conglomerados urbanos divididos de forma irregular e informal. Muitas casas não tinham acesso à energia elétrica ou água encanada. A família dos alunos, na maioria das vezes, era composta por avós ou tios. Poucos eram os alunos cujas famílias eram compostas por mãe e pai. O primeiro contato que os alunos tinham com as drogas, em muitos casos, vinha de parentes próximos. Essa realidade, por mais que me tocasse, era comum para eles.

Muitas vezes eu vi na rua da escola cenas de uso e tráfico de drogas. Lembro-me de um comércio comercial que ficava bem de frente para a porta de entrada da escola. Lá a atividade comercial era a de instalação e som automotivo. Mas todos nós sabíamos que era só fachada, pois o que acontecia lá, de verdade, era o repasse de drogas. Quando uma viatura policial passava na rua, eles fechavam as portas e todos desapareciam do lugar. Muitas foram as vezes em que vimos, em plena luz do dia, os traficantes oferecerem entorpecentes ali mesmo, na saída dos alunos da escola.

Esse era o nosso público. Alunos parentes de traficantes ou que não conheciam os pais, criados com os avós, ou que já haviam passado “de mão em mão” morando com parentes diferentes. Além disso, haviam também vários alunos com algum tipo de déficit cognitivo e deficiências variadas.

A minha busca por um método de trabalho com teatro em sala de aula ainda pulsava. Eu ministrava aulas para alunos de todas as faixas etárias. Havia turmas de 1º e 2º ano, com idade entre

6 a 8 anos; turmas de adolescentes e à noite, no EJA, alunos a partir de 15 anos até 78. Eu precisava pensar em aulas para todas essas cabeças diferentes.

Aos alunos pequenos eu contava histórias e colocava-os para vivenciarem, no corpo, aquilo que era narrado. Podiam desenhar depois. Fazíamos jogos de expressão corporal, jogos dramáticos e brincadeiras. Aos adolescentes e adultos do EJA a minha proposta era mais voltada aos debates. Eu levava textos, vídeos e imagens e utilizava o Datashow. Eu sempre propunha discussões sobre temas pertinentes ao universo deles. Mostrava imagens desde a Vênus de Willendorf² até as *panicats*³ atuais e discutíamos a cultura dos padrões de beleza. Falávamos sobre figurino e a história da moda desde o período medieval até hoje. Falamos sobre música, drogas, *graffitti*, filmes e muitos outros assuntos. Eu gostava de fazer um paralelo entre os caminhos das artes no meio dos assuntos do cotidiano. E parecia estar dando muito certo.

A vice-diretora do período noturno gostava das minhas aulas e me elogiava muito. Às vezes ela entrava na sala e ficava assistindo por algum tempo. Mas no período da tarde eu não era tão estimada.

Convencionalmente, ao pensarmos na aula no ambiente escolar, a primeira imagem que vem à tona é a de carteiras dispostas em filas; à frente um birô contendo livros, cadernos, gizes e apagador. Nas carteiras, alunos silenciosos, quietos, atentos e, à sua frente, o professor e um quadro. (FARIAS, 2011, p. 164)

Aconteceu que, além da minha inexperiência e do tipo de realidade dos alunos que eu tinha, ainda havia outro desafio: a escola não oferecia muito apoio às minhas práticas. Quando eu precisava sair da sala para levar os alunos para realizar alguma atividade no gramado ou no quiosque, eu sempre via o olhar de reprovação das professoras de Educação Física, que se achavam donas daqueles espaços. Quando algum aluno extrapolava os limites e agredia algum colega, por exemplo, e eu precisava conduzi-lo à direção, eu sempre ouvia frases do tipo “agora estamos ocupados” ou “você não tem o controle da sala?”

² A Vênus de Willendorf é uma estatueta que data do período Paleolítico. É o mais antigo culto ao corpo da mulher, e possuía forma arredondada, com seios, vulva e barriga extremamente volumosos, de onde se infere que tenha uma relação forte com o conceito da fertilidade. Na Renascença e no período Barroco, as formas arredondadas eram muito valorizadas na mulher cheia de carnes, sinuosa.

³ Panicat é uma mistura das palavras pânico + cat (gata em inglês). Era o nome dado às assistentes de palco do programa Pânico na TV (2003 – 2012), que se apresentavam sempre com pouca roupa e eram conhecidas por terem o corpo com visual “malhado”: magro, bronzado, seios fartos, cintura fina, pernas grossas. O visual das panicats afirmou nos anos 2000 um padrão de beleza quase impossível de ser alcançado, visto que todas elas se submeteram a cirurgias plásticas e variadas intervenções estéticas para obter o corpo desejado.

Um dia, conversando com as outras duas professoras de Artes da escola, fui criticada pelo fato de não ser formada em Artes Visuais. Elas disseram que não sabiam como era possível alguém ser professora de artes e não trabalhar o ponto, a linha e as cores. Disseram que os alunos das minhas turmas ficariam “prejudicados por estarem *sem* conteúdo de Artes”. Outra vez, interpelada pela supervisora da escola sobre meus métodos, ouvi o conselho de que eu deveria trabalhar mais com recorte, colagem e desenho. Eu não poderia ouvir algo diferente de alguém cuja mentalidade para o ensino das artes baseia-se unicamente nas experiências plásticas.

A aula representa, como regra, a garantia da mediocridade, porque, além de marcadamente ser, no professor, cópia, faz do aluno cópia da cópia. Será essencial desfazer a aula copiada como marca registrada do professor. (DEMO, 1998, p. 9)

Em pleno século XXI ainda vemos que os professores preferem ministrar aulas de cópia no caderno, de preferência textos grandes, para que ocupem os 50 minutos da aula. Os que agem desta forma são vistos pela direção escolar como aqueles que conseguem “dominar a sala”, afinal, neste tipo de aula, não há espaço para questionamentos, comentários e apontamentos dos alunos. E o formato de aula a que eu estava me apegando sugeria uma quebra nesse estilo vigente:

É claro que isto levanta desafios temerários ao professor, porque vai se desfazendo o auditório cativo (...). É mais fácil a situação cômoda de autoridade discricionária (autoritarismo), também porque encobre possíveis incompetências. (DEMO, 1998, p. 17)

Na aula de Artes, ainda mais quando trabalhamos com jogos, histórias e criações, a sala não se “comporta bem”. Então eu ficava na posição de alguém que tinha sempre que provar à direção escolar o valor da aula de artes e a razão da sala não ficar tão “em ordem” como nas outras aulas.

Onde cabe a aula de teatro na escola?

A aula precisa constituir-se como situação possibilitadora de desenvolvimento, tanto do aluno quanto do professor; ampliar o nível de conhecimento dos alunos, de forma contextualizada, de acordo com as finalidades, princípios e prerrogativas do seu tempo histórico; firmar-se como um espaço de formação de habilidades, de atitudes e de procedimentos, necessários à constituição de sujeitos livres, críticos e autônomos. (FARIAS, 2011, p. 170)

Qual o lugar da arte na escola? Será que é só dentro da sala de aula, com quadro e giz? Será que a função do professor de Artes ainda é fazer a lembrancinha para o dia das mães, páscoa e natal?

Se eu saio para o gramado ou quiosque eu estou tirando o espaço da educação física, por exemplo? Por que grande parte do corpo docente e direção escolar ainda têm uma visão de que aula de arte é só com conteúdo ligado às artes visuais? E como lidar com a crescente violência e a prática do *bullying* dentro da escola?

Tudo isso foi, de certa forma, me afligindo. Mas essas aflições me serviram de inspiração para o que faço agora nessa pesquisa de Mestrado: **a busca de um método de trabalho com teatro em sala de aula que favorecesse a transformação social, afetiva e sensorial dos alunos**. Uma proposta de ensino que valorize as histórias de vida, os arcabouços corporais e artísticos dos alunos, da comunidade, seus anseios e culturas. Uma proposta que possa favorecer a busca da autocrítica: fazer os alunos chegarem às conclusões daquilo que eles devem criticar em si mesmos, a fim de gerar transformação.

O encontro com o método do Teatro do Oprimido (T.O.)

Pode ser que o teatro não seja revolucionário em si mesmo, mas não tenham dúvidas: é um ensaio da revolução! (BOAL, 1977, p. 169)

Um olhar sobre a realidade da escola em que desenvolvi minha pesquisa me deu a informação de que dois dos maiores problemas existentes nela na relação entre os alunos, suas famílias e o ambiente escolar é a violência e o bullying. Apesar de acontecer em todos os lugares, a urgência em se falar sobre isso era latente em meu local de trabalho.

Eu já sabia que eu queria trabalhar o teatro nas aulas como meio catalisador de mudança de atitudes. Já tinha a ideia de que atitudes suscetíveis de mudanças seriam essas. Agora eu precisava do “como”.

Os jogos teatrais já estavam na minha lista de atividades a serem exploradas durante as aulas. Lancei mão de vários que aprendi na minha graduação, além de exercícios e jogos para o ator e o não-ator de Augusto Boal.

Um aprofundamento nas leituras dos textos de Boal me fez perceber que o método do Teatro do Oprimido representava o que eu queria fazer no meu projeto. Dessa forma, escolhi o T.O. como mote para o desenvolvimento da minha pesquisa por saber que:

O Teatro do Oprimido, em todas as suas formas, busca sempre a transformação da sociedade no sentido da libertação dos oprimidos. É ação em si mesmo, e é preparação para ações futuras. "Não basta interpretar a realidade: é necessário transformá-la!" - Disse Marx, com admirável simplicidade. (BOAL, 2012, p.19)

O objetivo da teoria do Teatro do Oprimido não se fundamenta em encontrar ou formar atores. Nem tampouco é o objetivo de se ensinar teatro na escola. As atividades propostas através da metodologia do Teatro do Oprimido tem como foco principal **expandir e emancipar o pensamento reflexivo e crítico** dos alunos, sobre questões que permeiam suas realidades, criando possibilidades para que os participantes, frente ao mundo que os rodeia, deixem de ser objetos e passem a ser sujeitos, deixem de ser testemunhas e passem a ser protagonistas (BOAL, 1977, pg 131), e que lhes aconteça o que diz Antônio Araújo, que consegue explicar meus anseios com este projeto:

A aventura do “pensar fazer” ao “fazer pensar” (...) numa prática que é, por natureza, “indisciplinada”. O processo questiona o saber adquirido, o corpo adquirido, desestabiliza os modos de percepção, reinventa as formas da experiência e faz com que sejamos, amorosa e impiedosamente, críticos de nós mesmos. (ARAÚJO, 2012, p. 108).

O desenvolvimento do projeto na E. M. Profª Carlota de Andrade Marquez

Desenvolvi o projeto de pesquisa para o mestrado na escola com a turma do 5º ano, pelo fato de serem os alunos com maior idade entre as turmas que eu tinha, já que as demais eram de 3º e 4º anos. Eu me propus a desenvolver o trabalho com alunos maiores, com o quais eu pudesse estabelecer reflexões sobre a temática do bullying. Imaginei que os alunos mais velhos me dariam uma resposta mais próxima aos resultados que eu buscava: a discussão de temas pertinentes ao cotidiano, tanto da escola quanto da comunidade, sob a luz do Teatro do Oprimido, na busca de um olhar de apaziguamento das relações, principalmente quanto à prática do bullying e da violência.

O teatro-debate e estas outras formas de teatro popular, em vez de tirar algo do espectador, pelo contrário, infundem no espectador o desejo de praticar na realidade o ato ensaiado no teatro. A prática destas formas teatrais cria uma espécie de insatisfação que necessita complementar-se através da ação real. (BOAL, 1977, pg. 152).

Tomando como base a proposta do teatro-fórum e teatro-debate de Boal, no primeiro dia pedi à turma que organizasse uma roda na sala de aula. Perguntei quais eram os problemas que eles achavam que existiam na escola. Fui anotando no quadro as respostas.

- Bullying
- Brigas
- Bagunça na hora da explicação
- Palavrão

- Brincadeiras sem graça
- Falta de respeito
- Sujeira
- Falta de educação.

Eu imaginei que eles falariam sobre os problemas estruturais da escola, como a falta de ventiladores, as janelas quebradas. Mas não. Sete dos oito apontamentos dos alunos sugeriram problemas de relacionamento.

Fomos conversando e chegamos à conclusão de que o bullying resumia as outras respostas (com exceção à resposta “sujeira”). Então, pedi que escrevessem numa folha de caderno histórias reais ou fictícias sobre o tema bullying. Eles se reuniram em grupos, conversaram, contaram casos de pessoas que conhecem, criaram histórias novas, mesclaram umas com as outras. A partir daí o trabalho foi se desenrolando. Darei maiores detalhes no apêndice com o relato das aulas.

As aulas aconteciam na sala de aula e no quiosque da escola, um espaço coberto na área externa, próximo à quadra. A supervisora responsável pelos quintos e sextos anos estava ciente do projeto e me deu total apoio. Perguntou do que eu precisaria para desenvolver as atividades com a turma e minha resposta foi de que precisaria somente de sossego. Referi-me ao fato de que, para trabalhar no quiosque, era muito difícil, não somente pela turma em si, mas pelos agentes externos. Com certa frequência, pessoas alheias à escola adentravam naquele espaço porque pulavam o muro. Outras vezes, alunos de outras salas ficavam ali no intuito de “matar aula”. Aquela supervisora garantiu-me, então, que eu poderia contar com ela para o que fosse necessário. Ela me daria toda a assistência para que o trabalho fosse desenvolvido com tranquilidade.

Desafios do ambiente escolar

Nas primeiras semanas, o trabalho fluiu com certa tranquilidade. Mas pouco antes das férias de meados de julho, a supervisora saiu de licença médica. Ela ficou afastada e não retornou mais, até o final do ano letivo, e isso acarretou alguns desencontros para mim com a vice-diretora, que substituiu em parte o trabalho da supervisora que se ausentou. Ela não demonstrava muito interesse no projeto e, por vezes, se desfez de alguns pedidos que apresentei.

Uma dessas vezes foi quando nossa aula foi atrapalhada por dois alunos da turma do sexto ano. Com a ausência da supervisora, eles iniciaram um hábito de não participar mais das aulas e estavam sempre andando pela escola, atordoando as salas de aula pelas janelas, chutando as portas, fazendo gracejos e causando estragos. Houve uma situação em que um deles furou a lataria do carro de uma professora. Outra vez, arremessaram restos de lanche nas costas dos alunos pequenos através

da janela da sala. Os professores não faziam questão de tê-los em sala e por isso acabavam permitindo que eles ficassem de fora sem ocupação, pois isto garantia àqueles professores algum “sossego”. As mães daqueles meninos eram inclinadas a combates verbais, confusões. Já haviam chamado a imprensa para reclamar da escola e criavam situações-problema. Por medo de represália dessas mães e da comunidade, a gestão da escola preferia não tomar providências.

Quando esses meninos apareceram no quiosque, em uma das minhas aulas com a turma do quinto ano, eles começaram a fazer zombarias, rindo das atividades, atirando pedrinhas e outros objetos. Chegaram até mesmo a cuspir nos alunos. Quando precisávamos acionar alguém da gestão para dar suporte, mandávamos um aluno dar o recado, pois eu não poderia deixar a turma toda ali e sair para encontrar alguém da equipe gestora. Desta forma, através de uma aluna, acionei a vice-diretora para que pudesse explicar o que estava acontecendo e pedir que pudesse conduzir aqueles meninos às suas salas para que não ficassem mais ali interferindo. A resposta que obtive foi a seguinte: “agora estou ocupada, estou lanchando”.

Situações como esta se repetiram muitas vezes. “Estou lanchando”, “estou ocupada”, “não posso agora”. Fiquei muito chateada com a falta de apoio. Durante um tempo, eu ainda insisti em tentar consegui-lo. Demorei para perceber que eu estava solitária na execução do projeto.

Outro cenário desconfortável era o visível tom de inutilidade que muitas professoras davam às aulas de artes e ao meu projeto. No horário da aula de artes eram agendadas aplicações de provas, reuniões e reposições de aulas perdidas por professores que haviam faltado algum dia. Houve um episódio em que a professora de educação física buscou várias alunas que participariam da quadrilha da festa junina da escola para ensaiar a coreografia no meu horário de aula. Nestas circunstâncias, a turma ficava desfalcada e eu precisava mudar toda a dinâmica que havia planejado.

Outro desafio era o comportamento da turma. Apesar de estarmos tratando sobre combate ao bullying e práticas de violência, infelizmente eu via essas mesmas coisas acontecendo durante a aula. Certa vez, uma pipa caiu no gramado próximo ao quiosque e três meninos da turma saíram correndo para disputar – aos tapas – quem ficaria com a pipa. Enquanto eu tentava apaziguar a briga entre eles, o restante da turma se dispersou totalmente, correndo por todos os lados e fazendo alvoroço nas janelas das outras turmas.

Por estarmos no quiosque, alguns alunos ficavam muito dispersos, correndo por todos os lados, indo de janela em janela de outras salas, causando tumulto, gritaria. Várias vezes, precisei reunir a turma e voltar para a sala, pois infelizmente não havia mais possibilidade de estabelecer alguma conexão depois de toda aquela agitação.

Para explicar as atividades, eu levava um tempo até a turma toda conseguir ouvir. Eles demoravam muito para fazer uma roda e prestar atenção. Eu compreendia que o simples fato de saírem da sala e irem para o quiosque já os deixava eufóricos. Eu sabia que levaria um tempo para

conseguir a atenção deles, a escuta, a dedicação. Mas o que eu não imaginava é que haveria tanta confusão. Muitas vezes, durante a execução das atividades, alguns alunos boicotavam os colegas, fazendo gracejos, botando apelidos, apontando falhas. Isso acabava desfavorecendo ainda mais os debates.

Em contrapartida, eu podia notar a identificação dos alunos com as atividades de teatro. Haviam os que participavam ativamente, com envolvimento total, pleno, que eram basicamente a metade do grupo, e os que participavam “apenas com o corpo”, mas com uma presença, às vezes, desinteressada e dispersa. Geralmente, na execução de jogos com regras, participavam todos, apesar de alguns tenderem aos pequenos boicotes que citei anteriormente. Mas, quando eu os deixava livres para criarem cenas, por exemplo, eu sentia muitos se dispersando, correndo, indo fazer outras coisas.

Aos menos participativos e silenciosos, na tentativa de fazê-los se interessarem um pouco mais, eu procurava colocá-los para liderar pequenos grupos, ou os chamava em particular em outros momentos na escola, inculcando-lhes pequenas responsabilidades, tais como: “Você me ajuda a fazer a divisão das cenas”? “Gostaria da sua ajuda para definirmos os personagens, você topa”?

Foram nessas ocasiões que alguns alunos acabaram se destacando um pouco mais, demonstrando mais envolvimento com as propostas. Estes chegavam até mesmo a me ajudar em muitos casos. Esmeravam-se em fazer os exercícios, organizavam os colegas, distribuíam tarefas, chamavam à responsabilidade aqueles que estavam fugidios.

Destaques

As dificuldades também se configuravam em material de estudo para mim. Eu notava a dedicação, o empenho, a vontade daqueles que enxergavam no projeto algo de bom. No meio de tantos desafios, muitos alunos se destacaram pelo empenho na realização das tarefas e pela importância que deram às atividades. Alguns tinham um virtuosismo mais aflorado, um tino teatral.

Foram seis os que pude sublinhar nessas ocasiões. Ana Beatriz, Robson, Guilherme, Clara, Thiago e Jhenny. Quando faziam trabalhos em grupos, esses eram os que demonstravam maior interesse, querendo que as atividades fluíssem bem. Muitas vezes, eles não eram os líderes nos grupos em que estavam, mesmo assim atuavam de modo a incentivar os demais a colaborarem com os jogos.

Escolha das temáticas e proposição da peça

Vislumbrando a possibilidade de levar os alunos a um ambiente diferente, e fazê-los vivenciar o teatro fora dos muros da escola, inscrevi o projeto na VI Mostra de Teatro Escolar da UFU. Para

isso, eu teria que construir com eles uma peça, ainda que curta, e era necessária uma proposta dramatúrgica para apresentar no evento.

As aulas transcorriam a despeito de todos os desafios. Eu levava exercícios, propostas de cenas, fazíamos debates. Comecei a pesquisar notícias de jornal que falassem a respeito de bullying, violência, estereotipação e outras relevâncias sobre o ambiente escolar. Também procurei por contos, histórias e esquetes teatrais que destacassem estas questões.

Encontrei contos de Jô Bilac⁴ que combinavam muito com meus anseios por um texto que frisasse a estereotipação. São eles:

- **“Não identificado”**

Conta a história de Mike e Lola, um casal diferente, que está sempre buscando novidades na vida, estão acampando na praia na tentativa de manter contato com algum alienígena.

- **“Vip”**

Conta a história de Marielle Moon, uma madame da alta sociedade que está saindo de uma festa “badaladérrima” e encontra um mendigo deitado na vaga do seu carro importado. Marielle quer dar um cheque no valor de 3 mil reais, suas joias e seu carro como esmola, pois acredita que assim o mundo será melhor, mas a única coisa que o mendigo quer é dormir.

Estes textos foram editados por mim (vide apêndice no final) para que alcançassem o contexto que nós tínhamos ali na comunidade e para a idade dos estudantes. O texto da madame sofreu poucas alterações, como a troca do nome da personagem e a inserção de uma personagem, a amiga da madame, que atuaria como uma *puxa saco*. E no texto “não identificado”, ao invés de um casal de namorados, tivemos dois meninos na cena. E para reforçar o debate sobre os estereótipos, ao invés de extraterrestres, seriam pessoas com características físicas específicas: negro, gordo, cadeirante, pobre, etc. Estas características foram sugeridas pelos próprios atores, que trouxeram exemplos de pessoas que sofrem preconceito de estereotipação dentro do ambiente escolar.

Na configuração final do texto, incluí também as reportagens de jornal que já estavam em uso nos exercícios das aulas. Essas reportagens salientavam situações de bullying e estereotipação.

Ensaio: encontros e desencontros

Trabalhei as atividades com uso do texto com a turma toda, mas o trabalho não estava fluindo bem com todos os alunos, estava longe de construirmos as cenas com clareza devido a tantos desafios

⁴ Giovanni Ramalho Bilac, mais conhecido como Jô Bilac, é um dramaturgo, roteirista e diretor teatral brasileiro. Devido a seus espetáculos de grande repercussão e sua expressiva obra, tem sido considerado o dramaturgo mais produtivo da atualidade.

durante os encontros. Além dos que já expliquei anteriormente, a escola estava passando por um momento extremamente delicado, após uma denúncia de abuso sexual a uma menina que teria ocorrido dentro das dependências da escola por um funcionário. A escola estava sob investigação, as famílias estavam em total desespero e num estado de vigilância e nós, professores e funcionários parecíamos ser os grandes vilões. A comunidade olhava para nós – especialmente os funcionários do sexo masculino – como se fossem bandidos. Desconfiavam de todos e éramos xingados na entrada e na saída. Nos programas sensacionalistas de televisão, nossa escola virou assunto em pauta. A diretora tinha de dar satisfação à imprensa e à comunidade praticamente todos os dias.

Além disso, a escola, nessa ocasião estava recebendo um trabalho de pintura das paredes, que levou mais de um mês para ficar pronto. Esse trabalho fazia com que as professoras precisassem se deslocar com os alunos de um espaço para outro, muitas vezes colocando-os no refeitório ou no quiosque, tomando o espaço das aulas do meu projeto. Eu ia me adaptando como podia. E os alunos se comportavam, a cada dia, da forma mais dispersa possível e com pouquíssima colaboração.

A apresentação na Mostra de Teatro Escolar da UFU já estava marcada e, com o passar do tempo, fui percebendo que seria preciso reduzir a quantidade de alunos para realizar a peça. Fazer a apresentação na Mostra se tornou o objetivo final do trabalho e isso só aconteceria se eu focasse o ensaio das cenas com um grupo reduzido de alunos, pois com a turma inteira não estava sendo possível.

Tudo isso se configurou nas causas pelas quais escolhi seis deles para comporem a equipe que participaria da montagem e apresentações. Exatamente os destaques que citei anteriormente: Ana Beatriz, Robson, Guilherme, Clara, Thiago e Jhenny.

Reconfigurei o texto, agora definindo as falas com os nomes dos seis alunos participantes. Porém, na semana em que começaram os ensaios da peça com o grupo definido, a Jhenny foi suspensa. Ela se envolveu em brigas na escola e ficou ausente das aulas, perdendo momentos importantes de ensaio. Quando o tempo da suspensão acabou, ela ainda não participou dos ensaios pois continuou faltando à escola. Apareceu em alguns momentos isolados para fazer algumas provas. Quando conversei com ela sobre a participação na peça, ela disse que não ia participar e que nem ia mais frequentar as aulas normalmente, apenas faria as provas.

Devido às complicações que aconteciam na escola, no meu horário de aula com a turma, eu já não tinha mais o quiosque para levá-los, então voltei a trabalhar em sala de aula sendo meu horário, muitas vezes, usado na aplicação de provas ou outras atividades alheias à minha disciplina. Então para os ensaios específicos da peça eu usava os horários de módulo⁵. Marcamos também alguns

⁵ Nas escolas da Prefeitura Municipal de Uberlândia, o módulo é uma fração da carga horária que o professor cumpre na escola, fora da sala de aula, sendo geralmente 2 horários de 50 minutos. Este período é destinado à preparação de aulas, elaboração de atividades, reunião com pedagogos, entre outras atividades inerentes à atuação do professor.

ensaios extras no período da manhã. Os cinco iam à escola para ensaiarmos no refeitório ou em qualquer lugar que fosse possível.

Apresentação na escola e na VI Mostra de Teatro Escolar da UFU

Após um período dedicado aos ensaios, a diretora pediu que a peça fosse apresentada na escola, então, no dia 01 de novembro fizemos a apresentação. Por causa do tamanho do pátio e a quantidade de alunos que caberiam na plateia, foram necessárias duas apresentações, cada uma para 6 turmas.

No final, abrimos para o público fazer perguntas. Conduzi a organização daquele momento de troca com a plateia, mas deixei que os atores respondessem às perguntas da maneira como eles achassem melhor. Eis aqui algumas das perguntas que surgiram:

- Como você fez a arminha?
- Demorou quanto tempo para fazer esta peça?
- Por que a roupa dele (Thiago) é rasgada?
- Por que vocês apresentaram esse teatro?

Para esta última pergunta, destaco aqui a resposta dada por Ana Beatriz (nas palavras dela): *“Porque nós queremos passar para vocês uma mensagem de respeito às pessoas, que não é porque alguém é diferente de você que você vai tratar mal, entendeu?”*

A resposta da Ana veio como um bálsamo para os meus ouvidos. Eu percebi que aquela turma havia compreendido a mensagem de maneira clara. Mais tarde, quando fiz uma entrevista com o elenco (vide apêndice no final), pude ainda mais ver que eles tiveram essa percepção. O “ensaio da revolução” de Boal estava acontecendo naquelas mentes.

Fotografia 1: Apresentação na escola



Fonte: A autora (2017)

Fotografia 1: Momento de conversa com a plateia



Fonte: A autora (2017)

Fotografia 3: Folder de divulgação do evento



Fonte: Curso de Teatro - UFU (2017)

No dia 10 de novembro aconteceu a apresentação na VI Mostra de Teatro Escolar da UFU, no bloco do curso de Teatro. Um ônibus fornecido pelo evento veio nos buscar na escola. Durante o trajeto, os meninos estiveram empolgados e ansiosos. Nunca haviam feito uma apresentação em outro lugar. Nunca haviam pisado no campus da universidade. Chegando lá, enquanto entrávamos no saguão do bloco e eu mostrava a eles os espaços...

“Que lugar é esse, professora”? – perguntou Robson.

“Aqui é a universidade federal, Robson. E esse aqui é o bloco de salas onde acontecem as aulas da faculdade de Teatro”.

“Ah! Isso é que é faculdade? E como que faz pra poder vir pra cá”?

“Bem, você precisa concluir seus estudos na escola primeiro, depois deve fazer o ensino médio, prestar um vestibular ou fazer o Enem e então, tendo sido aprovado, você vem pra cá pra cursar a faculdade que você escolher”.

“Nossa, tia, dá trabalho, hein? Mas tinha uma professora vivia falando na sala que a gente nunca ia conseguir entrar na faculdade por causa da nossa bagunça. Mas eu nunca entendi direito o que ela estava falando”.

Naquele momento tive um misto de sentimentos. O garoto não sabia o que era uma faculdade. Apesar de já ter ouvido sobre isso outras vezes, nunca havia compreendido sobre o que se tratava. E ainda havia ouvido que jamais iria para um lugar daqueles, devido à maneira como se comportava na escola. Era nítido o impacto da fala docente que associa indisciplina a fracasso. O Robson era, de fato, um dos alunos mais agitados da escola. Estava sempre envolvido em brigas e constantemente era suspenso. O pai dele, que trabalhava como *moto taxista*, chegou a ir à escola um dia para falar comigo só para ter certeza de que ele estava mesmo participando do teatro, pois temia que fosse mentira do garoto quando dizia que precisava ir à escola de manhã para ensaiar. Não foi à toa que eu fiz muita questão de ter o Robson na peça. Eu queria ver de que maneira o projeto poderia impactar a vida dele.

Ficou encantado com o espaço, a dinâmica do lugar, mas nunca havia sabido do que se tratava, quanto mais ter estado ali antes. Comecei a imaginar a potência que aquela experiência com o teatro poderia estar proporcionando a eles, muito além daquilo que eu havia pensado. Estávamos falando de vida, de escolhas, de futuro.

Ao entrarmos no camarim para as trocas de roupa, rapidamente Thiago e Clara pegaram seus celulares para fazer fotos. Ficaram boquiabertos com o espelho cheio de lâmpadas ao redor. Depois, na sala de interpretação, me fizeram mil perguntas sobre tudo: o piso de madeira, as paredes pretas, a iluminação característica... era tão fascinante que eles não paravam de se maravilhar com tudo.

Havia uma boa quantidade de público. Nós, os alunos da escola ESEBA, professores e alunos do Curso de Teatro da UFU, parentes dos alunos, a equipe de reportagem da TV Universitária e outros convidados.

No primeiro momento, todos os presentes foram convidados a participar de alguns jogos de interação, conduzidos pelos organizadores do evento, que também eram alunos do curso de Teatro. Como estavam muito tímidos, acompanhei meus alunos para dar-lhes mais coragem. Aos poucos, foram se soltando e se ambientando com todos. Aquele momento foi fundamental para que eles pudessem “entrar de cabeça” na proposta e estarem com seus corpos e mentes presentes no aqui e agora.

A turma de alunos adolescentes da ESEBA apresentou primeiro “*Colors show: o jogo das subversões*”. Tratava-se de um tipo de jogo entre dois times em que tanto meninos quanto meninas disputavam cumprindo tarefas como passar batom e fazer embaixadinhas com bola de futebol. A peça tratava sobre estereótipos também, e notei que era interessante como parecia dialogar com a nossa peça.

Então, chegou a hora da nossa escola. Combinei com eles as entradas e saídas de palco considerando as coxias que haviam no fundo. Fiz algumas marcas no chão com fita crepe, pois eles estavam muito nervosos e disseram que não sabiam onde teriam que ficar, especialmente o

Guilherme. Ele repetia que achava que não ia conseguir e quem o acalmou foi a Ana Beatriz, dizendo: “Calma, respira, vai dar tudo certo. Lembra que a professora falou? Que só a gente sabe as falas, o público não sabe. Se você errar alguma coisa lá, improvisa, o público nem vai saber que você errou”.

Em poucas palavras, expliquei à plateia sobre o projeto, as idas e vindas e o resultado final que estava para ser apresentado ali naquele momento. Falei um pouco sobre o teatro-fórum e o teatro-jornal de Augusto Boal como chaves para a elaboração do nosso trabalho.

Fotografia 4: Comentários iniciais sobre o projeto



Fonte: Curso de Teatro - UFU (2017)

Os alunos estavam muito nervosos, pedindo que eu não os deixasse sozinhos. Então, resolvi ficar próxima à coxia de fundo coordenando as entradas e saídas. A apresentação começou. Mesmo com todo o nervosismo, o grupo fez conforme ensaiamos, não houveram “pulos” durante as cenas. Estiveram desenvoltos, empolgados. Fizeram até muito mais do que demonstraram nos ensaios.

Ao final da apresentação, houveram muitos aplausos. Todos fomos convidados a participar de um debate e nos sentamos em roda com os demais participantes e público. Nessa hora de troca, alguém perguntou a idade dos meus alunos e eles disseram ter entre nove e onze anos. Pessoas na plateia disseram que ficaram encantadas por eles terem realizado um trabalho tão profundo com tão pouca idade. A escolha do tema foi bastante valorizado pelos que assistiram, pois falávamos sobre rótulos, estereótipos e como isso leva à prática de bullying na escola.

Fotografia 5: Cena dos rótulos



Fonte: Curso de Teatro - UFU (2017)

Fotografia 6: Cena da madame e do mendigo



Fonte: Curso de Teatro - UFU (2017)

Fotografia 7: Madame e o assalto "ao contré"



Fonte: Curso de Teatro - UFU (2017)

Fotografia 8: Cena da procura aos alienígenas



Fonte: Curso de Teatro - UFU (2017)

De volta à escola, em um bate papo com o grupo, a fim de elucidar a percepção deles sobre o processo, fiz algumas perguntas.

Obs: As respostas foram gravadas em áudio e estão transcritas exatamente da maneira como responderam.

Pergunta 1: O que significou, para você, participar desse teatro? E por que você acha que você foi selecionado (a) para participar da peça?

Thiago – *Eu acho que a senhora selecionou os que menos deu trabalho porque ninguém colaborou, nós fomos para o quiosque ensaiar e todo mundo ficava brincando, contrariando da aula, né? Eu não sei porque a senhora escolheu nós. Eu acho que é porque estereótipos, que é o trabalho da peça, tipo assim, cada um de nós representa um tipo de pessoa.*

Guilherme – *O teatro significou para mim que nós demos exemplo para as pessoas, de não julgar as pessoas pela aparência, pelo jeito que ela se veste, que nós todos somos iguais e temos que respeitar uns aos outros. Porque ficar xingando as pessoas é bullying, ficar chamando de preto, sujo, é racismo.*

Clara – *Eu acho que a senhora escolheu nós porque a maioria da sala dava trabalho nos ensaios e nós somos bons de interpretar, de decorar as falas.*

Robson – *Esse teatro me fez aprender muito, eu julgava muito as pessoas pelo que eu achava que elas eram. Mas eu aprendi que a gente não pode falar de alguém sem conhecer primeiro, porque cada um tem seu jeito, seu estilo, onde mora... ninguém é perfeito.*

Ana Beatriz – *Eu acho que quando a gente ia lá para fora, tinha colaboração de um por cento das pessoas, o resto ficava fazendo bagunça, brincando, fazendo graça, pensando que aquilo era só brincadeira, eu acho que deu mais certo as pessoas que a senhora escolheu. Eu não acho que a senhora escolheu a gente porque achou que a gente era melhor. Mas porque nós fomos mais dedicados.*

Pergunta 2: Com relação ao espaço, ao público e à sensação: qual a diferença de apresentar no palco da escola e na UFU?

Guilherme – *Na escola é grande, mas não pode sentar lá no fundo, senão a professora dana. Lá na UFU, o espaço também era grande, mas o público ficava em silêncio. Aqui na escola eles não tem respeito. Aqui na escola a gente não tem microfone.*

Pergunta 3: Mas lá na UFU também não tinha microfone. E aí? Como resolvemos essa questão do som?

Guilherme – *Mas o público ficava em silêncio e respeitava nossa apresentação, igual a gente respeitou as outras. E sobre a sensação: na escola foi mais de boa, porque a gente já está acostumado com as pessoas. Mas na UFU, eu achava que eu ia desmaiar. Eu tava com o coração a mil. Aí a Bia falou: “respira!”. Aí eu fui respirando, foi passando, chegou a hora eu fiquei com medo de errar, de esquecer as falas, e fui ficando preocupado de novo. Aí a senhora disse: não tem problema se errar alguma fala, porque só a gente é que sabe como é a fala, o público não sabe. Aí eu achei que foi mais tranquilo.*

Considerações finais

Início a conclusão deste trabalho com uma frase de Paulo Freire em que, dialogando sobre como um professor deve agir para começar a tarefa de transformação na sala de aula numa segunda-feira de manhã, responde:

Os que aceitam a tarefa da transformação social **têm um sonho**, embora também tenham grande quantidade de obstáculos pela frente. Conforme já disse, os professores que apoiam o *status quo* estão nadando a favor da corrente, mas os que desafiam a dominação estão nadando contra a corrente. Mergulhar nessa água significa o risco de ser punido pelos que estão no poder. Por causa disso, o educador libertador tem que criar, dentro de si, algumas virtudes, algumas qualidades que não são dons de Deus, nem sequer lhe são dadas pela leitura dos livros, embora seja importante ler livros. O educador libertador tem de **criar criando**, isto é, inserido na prática, aprendendo os limites muito concretos de sua ação, esclarecendo-se sobre as possibilidades, não muito aquém nem muito além de nossos limites do medo necessário. (...) O professor aprendeu a ler a realidade, mudando sua prática através daquilo que aprendeu na prática. (FREIRE, 1986).

Cada pessoa é um mundo, já dizia Clarice Lispector. Cada grupo é singular e incomparavelmente diverso. Cada participante trouxe uma gama de experiências. Nessa riqueza de sonhos, anseios, tons de pele, gostos, olhares e gestos, nessa potencialidade de expressão contida em

cada estudante, fui abrindo portas, descobrindo caminhos. Apesar das dificuldades, dos entraves desanimadores, da descoberta de estar em solidão na execução do trabalho, foi possível enxergar a capacidade que aqueles estudantes tinham de transformação, criação, descoberta e crescimento.

Por meio das interações, dos jogos teatrais, das práticas com o TO e da construção do texto oportunizamos as capacidades de ouvir, conviver, divertir. Através do lúdico e da imaginação exploramos dramatizações, expressão corporal, leitura, desenho, mímica. Refletimos, instigamos, colocamos os sujeitos em evidência e em diálogo e reconstruímos vivências reais e imaginárias sobre bullying, violência e construção de estereótipos.

A oportunidade de apresentar a peça na VI Mostra de Teatro Escolar da UFU, num espaço diferente, com camarim, iluminação, sonoridade que favorece, um lugar “próprio”, trouxe uma emoção nunca antes sentida por aqueles estudantes. Era notável o misto de nervosismo e encanto que eles demonstravam. Essa experiência os deixou tão emocionados que insuflou neles o desejo de estudar na universidade um dia.

Essa força move o meu trilhar na educação. Trabalhar com aquilo que gera movimento, que tira do lugar-comum, que traz à tona as potências de diálogo e de corporeidade. Minha prática como professora se fez mais deleitante quando percebi a cumplicidade no relacionamento com a turma, a cada vez que um aluno me abordava com carinho, com uma cartinha, nas demonstrações de interesse e respeito maiores por si mesmo, pelos outros e pela escola.

Também não posso deixar de destacar que as dificuldades também se configuraram em força motriz para a realização desse trabalho, em que consigo perceber a dura realidade enfrentada pelo professor de arte que quer sair do *laissez faire*⁶ tão comum nas aulas de artes nas escolas públicas. O professor que quer despertar algo novo nos estudantes, instigando-lhes à curiosidade e à busca de um protagonismo social e cultural será atribulado, pois a escola, com seus contextos e inquietações, ainda é um lugar que preza pela cultura do “deixa-disso”: faça o que for mais fácil, o que der menos trabalho.

Falar de bullying, de rotulação, de estereótipos no ambiente escolar é adentrar no cotidiano dos alunos, é conviver com seus medos, anseios e expectativas. Pô-los para debaterem esses temas, trazendo à tona experiências pessoais é mexer na ferida. Vê-los desenvolvendo as cenas, usando notícias sobre desigualdade social, prática de bullying e violência é expô-los aos seus próprios mundos, pedindo que interfiram com vistas à resolução dos problemas. Na construção da dramaturgia estava a construção deles próprios.

Quando aceito o desafio da transformação social através da arte tenho muitos obstáculos, mas também tenho um sonho: o de ver que o estudante que é protagonista da sua história passa a estabelecer uma relação de respeito com os outros, fortalecendo a sua autonomia, empoderando suas

⁶ Laissez-faire é uma expressão francesa que significa literalmente "deixar fazer" sem interferir no funcionamento. É o mote do liberalismo clássico. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Laissez-faire>. Acesso em 20 jun. 2018.

atitudes e tendo mais chances de criar vínculos com as pessoas, de serem atuantes na sociedade, tendo a possibilidade de não mais serem tratados como massa de manobra.

Tenho a crença de que esse trabalho endossa a ideia de que a partir das experiências trazidas pelo teatro, os estudantes se instigam para as questões que lhes dizem respeito na vida e na comunidade, colocando-se de forma autônoma diante dos desafios, configurando assim um ensaio para a emancipação social. Um ensaio da revolução.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Antônio. *A cena como processo de conhecimento*. In: RAMOS, Luiz Fernando (org). *Arte e Ciência: um abismo de rosas*. São Paulo: ABRACE, 2012. (p. 105 – 114)

BOAL, Augusto. *200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro*. Civilização Brasileira, 1980. 3ª ed.

BOAL, Augusto. *A Estética do Oprimido*. Rio de Janeiro, 2009, numa parceria entre a Funarte, o Ministério da Cultura e a Editora Garamond.

BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1977. 2ª ed.

BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2012. 12ª ed.

DEMO, Pedro. *Educar pela pesquisa*. 3ª edição. Campinas. Autores associados, P. 1-39, 1998 (Coleção Educação Contemporânea)

FARIAS, Isabel Maria Sabino et al. *Didática e Docência: aprendendo a profissão*. Brasília: Liber Livro, 2011.

FERRARI, Márcio. *Paulo Freire: o mentor da educação para a consciência* - in: *Revista Nova Escola* - Associação Nova Escola. Edição Outubro, 2008.

FREIRE, Paulo. SHOR, Ira. *Medo e Ousadia: cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O professor e o combate à alienação imposta*. 2ª ed. SP: Cortez e Autores Associados, 1991.

Sites na internet

<http://bancodetextosjobilac.blogspot.com/> - Acesso em 12 de setembro de 2017.

<https://novaescola.org.br/conteudo/336/bullying-escola> - Acesso em 12 de maio de 2018.

<http://www.unimedjp.com.br/viver-melhor/artigos-medicos/rosalia-gouveia-filizola/da-vnus-de-willendorf-mulher-contemporanea/205> - Acesso em 13 de maio de 2018.

<http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/virar-panicat-e-mais-dificil-do-que-passar-no-vestibular-de-medicina-2351?cpid=txt> - Acesso em 13 de maio de 2018.

<https://vejasp.abril.com.br/blog/dirceu-alves-jr/jo-bilac-30-anos-e-uma-obra-expressiva-8220-tive-sorte-8221/> - Acesso em 17 de maio de 2018.

http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/12716.pdf - Acesso em 20 de maio de 2018.

Apêndice 1 - Relato das aulas com a turma do 5º ano e Portfólio de atividades

Encontram-se a seguir o relato das atividades desenvolvidas durante a aplicação do projeto. O texto agora segue na forma de um diário do professor, anotações que fiz durante as aulas e posteriores a elas, ao qual, no trabalho com as artes cênicas, costumamos chamar de “diário de bordo”.

Ao final do diário, você poderá conferir o portfólio de atividades, contendo a forma de aplicar essas atividades com seu grupo de alunos.

Encontrará também o texto teatral “É ao meio dia que o sol encara sua sombra de frente”, construído a partir de textos de Jô Bilac e reportagens de jornal, que foi utilizado para a proposição a peça.

Dia 1

Tomando como base a proposta do teatro-fórum e teatro-debate de Boal, no primeiro dia pedi à turma que organizasse uma roda na sala de aula. Perguntei quais eram os problemas que eles achavam que existiam na escola. Fui anotando no quadro as respostas.

- Bullying
- Brigas
- Bagunça na hora da explicação
- Palavrão
- Brincadeiras sem graça
- Falta de respeito
- Sujeira
- Falta de educação.

Fizemos um debate e chegamos à conclusão de que o bullying resumia as outras respostas (com exceção à resposta “sujeira”). Então, pedi que escrevessem numa folha histórias reais ou fictícias sobre o tema bullying. Eles se reuniram em grupos, conversaram, contaram casos de pessoas que conhecem, criaram histórias novas, mesclaram umas com as outras.

Dias 2 e 3

Retomando as histórias escritas na aula anterior, os grupos tiveram um tempo para conversar e ensaiar como iriam apresentar aquelas histórias na forma de cenas. Expliquei à turma que, ao final

da apresentação, as cenas seriam apresentadas novamente, desta vez contando com a interferência da plateia, que poderia intervir a qualquer momento na cena, modificando-a⁷.

Fotografia 9: escrevendo as histórias de bullying



Fonte: A autora (2017)

Começamos em sala de aula, enquanto eles ensaiavam, depois fomos para o quiosque, na parte externa da escola, próximo à quadra.

⁷ Para Boal, no caso do Teatro do Oprimido, o fato do espectador não apenas ter tomado consciência da situação, mas também poder vivenciá-la e transformá-la em cena, provoca no *espect-ator* o desejo de transformá-la e ainda lhe traria as ferramentas práticas para fazê-lo. O espectador então é convidado a ensaiar em cena a transformação que quer realizar na vida. Nas palavras de Boal: “A ação dramática esclarece a ação real. O espetáculo é uma preparação para a ação.” (BOAL, 1977, p. 169)

Fotografia 10: a zombaria em torno da menina pobre



Fonte: A autora (2017)

Fotografia 11: os pais doentes



Fonte: A autora (2017)

A primeira cena mostrava uma menina pobre, cujos pais estavam doentes em casa e não tinham condições de cuidar das obrigações do lar e das irmãs, ficando tudo a cargo da tal menina. Na escola, um grupo de alunos zombava dela, de suas roupas, seu cabelo, seu chinelo de dedo. Com o passar dos dias, a zombaria ganhou mais força e a menina ficou mais triste e nervosa. Quando ela decidiu revidar com violência, acabou sendo punida pela direção da escola.

Na proposta do teatro-fórum, alguém na plateia pode levantar a mão (nós combinamos um sinal sonoro para a ocasião, dizendo “pausa!”), toda a cena congela-se, a pessoa que deu o sinal vai até a cena, toca o ombro de um ator e o substitui, fazendo agora, no lugar dele, aquilo que imagina ser o melhor para que a cena tome outro rumo, de modo a tentar “resolver” a situação-problema.

O resultado foi um pouco bagunçado, pois ao invés de entrar na cena para modificá-la de modo a que a situação apresentada pudesse ser resolvida, os alunos aproveitaram para boicotar os colegas, fazendo gracejos e desfavorecendo ainda mais o debate. Como estávamos no quiosque – e os alunos pouquíssimas vezes tem alguma aula fora da sala comum – alguns meninos começaram a se dispersar, correndo por todos os lados, indo de janela em janela de outras salas, causando tumulto, gritaria. Precisei reunir a turma e voltar para a sala, pois infelizmente não seria mais possível estabelecer alguma conexão ali depois de todo aquela agitação.

Terminamos aquela aula sem o sucesso que eu esperava, pois, no fim das contas, acabei vendo o bullying sendo praticado ali mesmo, numa oportunidade em que deveríamos estar combatendo a prática de zombar dos colegas. Mas é claro que eu não veria meus anseios sendo satisfeitos assim, tão rapidamente.

Dia 4

Os alunos já demonstraram que se interessavam pela proposta das aulas de teatro e que pretendiam colaborar para que tudo fluísse bem. Fizemos alguns combinados para que os problemas da aula passada não acontecessem mais.

Percebi que tive muita ansiedade na aula anterior. Para a quarta aula, apresentei práticas mais leves, para conseguir introduzir a turma na proposta de forma mais suave. Fomos ao quiosque e comecei a trabalhar alguns jogos teatrais e de expressão corporal. Construção de objetos com mímica, jogos de roda com músicas, construção de pequenas cenas a partir de exemplos de espaços. Tudo transcorria bem até que a professora de educação física buscou cinco alunas que participariam da dança de quadrilha da festa junina da escola e precisavam ensaiar. Depois, já com a turma desfalcada, uma pipa caiu no gramado próximo ao lugar em que estávamos e três meninos da turma saíram correndo para disputar – aos tapas – quem ficaria com a pipa. Enquanto eu tentava apaziguar a briga

entre eles, o restante da turma se dispersou totalmente, correndo por todos os lados e fazendo alvoroço nas janelas das outras turmas.

Depois daquela confusão toda, regressamos à sala de aula e encerramos, por aquele dia, o trabalho com o teatro.

Dia 5

Em roda, no quiosque da escola, começamos com o jogo do “guli-guli” e depois fizemos um jogo de contar de 1 a 10 sem repetir a numeração, falando um por vez, zerando a contagem sempre que mais de uma pessoa falasse o mesmo número.

A próxima proposta de jogo foi a do “Detetive Melodramático”. Expliquei as regras, distribuí as personagens e começamos. Os alunos se divertiram muito e se entregaram de verdade aos seus papéis. Os que morriam, tinham de morrer melodramaticamente, mostrando que sentiam dores no peito, ou que estavam sendo envenenados, chamando alguém do grupo para dizer suas “últimas palavras”. Os assassinos, quando presos, reagiam vorazmente, dizendo serem inocentes e buscando formas de fugir.

Fizemos o jogo duas vezes e os alunos queriam mais. Fiquei muito animada pois até os alunos que causaram problemas nos outros dias participaram com muita dedicação neste dia. Mas por causa da interferência de dois alunos de outras salas, foi preciso parar o jogo e voltar pra sala. Acontece que esses dois alunos estavam sempre a andar pela escola, atordoando as salas de aula através das janelas, chutando as portas, fazendo gracejos e causando estragos. Eles dificilmente permaneciam em seus locais de aula. Os professores não faziam questão de tê-los em sala então permitiam que eles ficassem de fora sem ocupação e a direção da escola não tomava providência. E acabava sobrando pra mim e pra turma, quando eles apareciam no nosso espaço e começavam a interferir na aula, zombando de todos, atirando objetos, cuspiendo.

Dia 6

Para estabelecer um diálogo sobre a memória e a identidade de cada um, pedi aos alunos que fizessem uma ilustração de uma lembrança que tinham. Depois, todos apresentaram seus desenhos e contaram a história que acompanhava aquela memória. Percebi que todos escolheram fazer desenhos de memórias felizes: passeios, presentes, festas, brincadeiras.

Fotografia 12: desenho de uma memória: ida ao cinema



Fonte: A autora (2017)

Dividi a turma em grupos e estabeleci um líder em cada grupo para gerir os debates. Eles passaram um tempo trocando ideias sobre os desenhos e decidindo como realizariam a tarefa de construir uma cena utilizando as memórias desenhadas.

Como o tempo empenhado nessa tarefa foi grande, só foi possível vermos neste dia a apresentação de um único grupo, que mostrava todos num clube brincando em família.

Fotografia 13: meninos brincando na piscina



Fonte: A autora (2017)

Dia 7

Retomamos as cenas da aula anterior, e os grupos tiveram alguns minutos para conversarem e relembrem os trabalhos. Alguns alunos que faltaram no outro dia vieram neste dia, e também houve os que faltaram. Esses desfalques causaram um certo incômodo nos grupos que já estavam todos configurados, e precisei fazer alguns ajustes, tirando alguns alunos de um grupo e passando para outro.

Alguns dos alunos mais complicados em termos de disciplina na escola estão nesta turma do 5º ano e precisei criar algumas estratégias para conseguir ganhar a atenção deles para o projeto com o teatro. Neste dia, por exemplo, deixei um desses garotos como líder do grupo dele. Acredito que esse lugar de responsabilidade o deixou animado, pois ele dirigiu muito bem sua equipe.

As cenas ficaram assim:

1 - Grupo da Clara: a mãe tinha sete filhos e dirigia um carro com todos até o clube. Os filhos eram muito teimosos e a mãe ficava desesperada.

2 - Grupo do Adriel: a cena mostrava uma sala de aula em que o professor era muito, mas muito bravo. O professor prometia aos alunos que, se eles se comportassem bem, fariam um passeio. Então foram todos ao clube, inclusive o professor. Mas, de volta à escola, a bagunça e a violência

voltaram a reinar, os alunos agrediam uns aos outros (“de mentirinha”), inclusive o professor entrava na briga. Depois, para finalizar, todos resolviam dançar balé (achei um final bem improvável, mas os deixei fazerem livremente).

3 - Grupo da Milena: esse grupo não ensaiou direito e muitos resolveram desistir bem na hora da apresentação. A cena também mostrava uma mãe com seus filhos no clube, mas a equipe não estava bem entrosada.

Esta aula foi mais bem-sucedida, na minha opinião. Digo isso porque os alunos que, em outras aulas, não colaboraram ou até mesmo atrapalharam os trabalhos, hoje estiveram disponíveis, abertos para as orientações, participaram com afinco. Com exceção do grupo da Milena que esteve disperso e um pouco desanimado na hora de se apresentarem. Acredito que seja por causa da timidez.

Fotografia 14: Grupo da Clara - mãe dirigindo o carro com os filhos



Fonte: A autora (2017)

Fotografia 2: Grupo do Adriel - professor e alunos no clube



Fonte: A autora (2017)

A relação deles com a violência era muito nítida. Tanto nas cenas apresentadas como na “vida real” os chutes e socos são sempre um tipo de solução. Quando encenam sobre a escola, a figura do aluno é a do rebelde, violento, criador de confusão; a figura do professor é a do carrancudo, estressado, mal-humorado e também violento.

Eu observava tudo e ia juntando as informações, as impressões. Tudo isso configurava-se para mim como material propulsor para o trabalho com o T.O.

Dia 8

Pensando na ideia do teatro-jornal de Boal, levei para a aula diversas reportagens impressas retiradas de sites de jornalismo. Procurei matérias que mostrassem aspectos da desigualdade social, do bullying e violência nas escolas.

Eis os títulos das manchetes:

- Incêndio florestal em Portugal mata mais de 60 pessoas. Parte das vítimas morreu carbonizada dentro dos seus carros na região de Leiria; fogo se alastrou por causa do clima seco e dos ventos fortes.
- Aos 91 anos, rainha Elizabeth dirige seu Jaguar. Conhecida por sua paixão por dirigir, a monarca dispensou o motorista e voltou da missa dominical ao volante.
- Kelly Osbourne 'se desculpa' por usar esmalte de meio milhão de reais. 'Vejo que meu esmalte ofendeu alguns de vocês. Apesar de entender sua opinião, foi uma experiência única', escreveu no Twitter.
- Paolla Oliveira pinta uma unha de branco pela paz: “Chega de violência”, postou nas redes sociais com a foto das mãos.
- Garoto de 10 anos sofre bullying e é agredido na escola por usar óculos. Criança foi internada por três dias após sofrer desmaios e convulsões.
- Violência afasta estudantes das escolas em todo o país, diz pesquisa. Mais de 14% admitiram que já faltaram à escola por não se sentirem seguros no caminho e 23,4% já se envolveram em brigas dentro da escola.
- Professores denunciam insegurança e precariedade em escola de Salinas. Assaltantes levaram computadores, televisões e até as bolas de esporte. Segundo professores, teto das salas de aula correm risco de desabar.

Divididos em grupos, deixei que os alunos escolhessem a matéria que queriam e que conversassem para combinar como iriam transformar aquelas matérias de jornal em cena.

Após o período de conversa, a apresentação das cenas ficou assim:

Grupo do Thiago: escolheram a matéria da escola que estava desabando. Fizeram de conta que se tratava de uma matéria de jornal televisivo, em que o repórter narrava os fatos e os outros faziam a cena narrada, enquanto o *camera man* filmava tudo com uma câmera improvisada (feita com o cotovelo do aluno). Disseram que a escola havia sido bombardeada durante a guerra, muitos morreram e a escola ficou com a estrutura precária e agora, o fantasma de uma professora, vagava por lá.

Fotografia 16: Grupo do Thiago – a professora-fantasma que vaga pelos escombros da escola destruída



Fonte: A autora (2017)

Fotografia 17: Grupo da Jhenny - a rainha e seu marido no carrão



Fonte: A autora (2017)

Grupo da Jhenny: escolheram a notícia da Rainha Elizabeth dirigindo seu carrão, na companhia de seu marido, enquanto as pessoas nas ruas pediam esmola e morriam à mingua. Depois ela cobrava impostos daqueles pobres, que apanhavam caso não pagassem.

Grupo do Adriel: escolheram a notícia da atriz que pintou a unha de branco pela paz. Mostraram uma menina que teve a casa invadida por bandidos, sendo que seu próprio namorado estava envolvido com o grupo dos ladrões. Após ser agredida e ainda ser “zoada” por umas meninas, ela fez a pintura na unha e postou um vídeo na internet pedindo pela paz.

O saldo foi muito positivo e fiquei impressionada com a criatividade dos alunos, em transformar aquelas notícias em verdadeiras narrativas, e da maneira como eles pensaram em fazer as adaptações para o modo de percepção da realidade deles mesmos. Vêm à tona os temas que permeiam suas realidades: escola, violência, desigualdade social, bullying, criminalidade.

Dia 9

O trabalho neste dia não fluiu bem. No momento da troca dos professores, enquanto eu ainda estava a caminho da sala, dois alunos (Maicky e Robson) “fugiram” de lá pulando as janelas e ninguém sabia dizer onde eles estavam. A turma estava alvoroçada e não deram muita atenção para o trabalho. Ainda assim, organizei novamente os grupos para darmos continuidade às apresentações da aula anterior, para reestruturarmos as cenas e fazer os debates.

Saí com a turma para o quiosque e, chegando lá, vi que ele estava ocupado por algumas alunas e a professora de educação física, que ensaiava uma coreografia. É claro que o uso do quiosque toda quinta-feira naquele horário estava definido para mim havia tempo, mas infelizmente, vez ou outra, eu era surpreendida por fatos como esse.

Voltei para a sala com a turma, que já estava completamente dispersa e, agora, queriam ficar olhando pela janela o ensaio da dança. A esta altura, Maicky e Robson também apareceram lá no quiosque, atrapalhando o tal ensaio. Pedi para uma aluna ir chamá-los, pois eu contava com a participação deles nas cenas. Mas a aluna não fez como pedi, antes, foi até a vice-diretora e informou sobre os dois garotos estarem fora de sala. Ela os encontrou, levou-os até a sala da direção e deu-lhes uma suspensão de três dias.

A decepção que senti foi imensa. Quantas vezes eu pedi à vice-diretora que me ajudasse com o projeto em outras situações e nunca fui atendida? Quantas vezes eu sofri interferências nos ensaios

do teatro por causa de alunos de outras salas que atrapalhavam e ela nunca me ajudou? Agora, dando a suspensão para os meninos, me atrapalhava ainda mais. Ponderando sobre tantos entraves da própria estrutura da escola e na dificuldade de seguir com o trabalho, neste dia eu pensei seriamente em desistir.

Dia 10

Fiquei duas semanas sem executar o projeto, pois durante duas quintas-feiras a professora regente da turma “pegou” meu horário de aula para fazer aplicação de provas. Mais uma vez, fatores externos atrapalhavam o andamento das minhas aulas.

Fiz a inscrição na VI Mostra de Teatro Escolar da UFU, um evento que abria as portas para que a turma pudesse vivenciar uma experiência com teatro diferente, fora da escola. Cheguei na aula falando sobre esse evento e a possibilidade de apresentarmos nele. A turma ficou empolgada com a ideia.

Fiz alguns ajustes na estruturação do projeto e voltei com uma ideia nova: textos de Jô Bilac que poderíamos utilizar na construção de cenas. O primeiro texto falava da relação de uma socialite e um mendigo e o outro sobre um casal que saía para acampar na expectativa de encontrar alienígenas. Adaptei os textos para que ficassem mais com a “cara” da turma (como já citei anteriormente, no capítulo “Escolha das temáticas e proposição da peça”).

Levei a cena da Madame e do Mendigo e li para eles. Eles acharam graça e riram muito. Depois, pedi que se separassem em grupos de três integrantes para realizarem uma leitura dramática entre si. Pedi também que conversassem sobre a maneira como poderiam apresentar a cena à turma. O tempo da aula foi todo para que pudessem trocar ideias e fazerem a leitura dramática.

Dia 11

Após os debates da aula anterior, neste encontro os grupos iriam apresentar as cenas tal qual combinaram que fariam.

Tivemos de fazer as apresentações ali mesmo, na sala de aula, pois o quiosque, desta vez, estava sendo utilizado por uma turma que estava com a sala interditada devido ao trabalho de pintura que estava sendo feito na escola.

Acontece que, quando ficávamos na sala de aula, a turma se comportava de maneira diferente. Eles não ficavam “inteiros”. Ficavam dispersos, um pouco preguiçosos. Pareciam não levar muito a sério. Quando saíamos para o quiosque, eu percebia que eles dispensavam uma energia diferente, de corpo presente mesmo. Mas ali, na sala de aula, não era a mesma coisa.

Quando chegou a hora de mostrar o resultado do período de debates para a construção das cenas, somente uns poucos alunos tiveram entusiasmo para fazê-lo. Ana Beatriz e Thiago estavam como a madame e o mendigo, e a Clara atuou como a amiga da madame. Este grupo foi o que mais se empenhou. Robson, Guilherme e Jhenny também demonstraram estar com disposição, mas estavam em grupos diferentes e seus colegas de grupo não colaboraram. Os demais, de forma geral, estiveram preguiçosos e eu percebi que eles não haviam estruturado nada. Enquanto um grupo apresentava, os demais ficavam rindo, brincando, não respeitavam os combinados de silêncio e de generosidade que tínhamos desde o início.

Fiquei um pouco chateada, mas comecei a entender que eu precisaria dar mais enfoque àqueles que estavam se esforçando. Talvez a ideia de apresentar com a turma toda não seria ideal.

Dia 12

Trabalhei o segundo texto com a turma, o do casal que vai acampar na praia em busca de alienígenas. Para tratar sobre o bullying praticado na escola, mais especificamente sobre o assunto da construção de estereótipos, adaptei o texto para que os tais alienígenas fossem, na verdade, pessoas de diferentes jeitos de se vestir, com diferentes tons de pele, diferentes religiões, com alguma deficiência física, etc.

Novamente, dividi-os em grupos, desta vez com 6 integrantes. Deixei cada um a cargo de investigar a melhor forma de montar a cena e fui dando orientações, ideias. Pensando numa possibilidade de afunilar a quantidade de alunos para a execução do trabalho, coloquei juntos, num mesmo grupo, o sexteto: Ana Beatriz, Clara, Jhenny, Robson, Guilherme e Thiago.

Mais uma vez, o quiosque estava sendo usado, e ficamos em sala de novo. Mais uma vez, a turma estava de corpo presente, mas sem muita empolgação. Fizeram muitíssima bagunça, muito barulho e não respeitaram os momentos de apresentação de cada grupo.

O sexteto que defini foi o único grupo de alunos que realmente esteve motivado. Combinaram a cena de um jeito muito interessante. Mas no momento da apresentação, também não tiveram a

atenção desejada pelos colegas. Num dado momento, o Guilherme quis desistir, alegando que ninguém estava dando atenção. Mas voltou, motivado por mim e pelo Robson.

Naquele momento eu tomei a decisão de levar o trabalho adiante somente com aquele grupo de seis alunos.

Dias 13 a 18

Comuniquei à turma de que o trabalho continuaria a se desenvolver somente com aquele grupo de seis alunos. Alguns demonstraram um certo pesar, mas eles mesmos deram justificativas das razões pelas quais eu havia escolhido aquele pequeno grupo.

_ É porque a gente só faz bagunça, né professora?

_ É porque tava todo mundo fazendo graça e não tava levando a sério.

Expliquei-lhes que, de fato, a bagunça era um fator que pesava sobre a minha decisão, mas que na verdade, o tempo estava correndo, a apresentação já estava marcada e nós ainda não tínhamos definido quase nada, devido a tantas dificuldades nas aulas e interrupções externas. E que eu precisava ser realista e entender que não estava dando certo fazer com a turma inteira e que, por essas razões, aqueles seis alunos iriam representar a turma toda.

Usei os horários de módulo para ensaiar com o grupo. E para não os atrapalhar em outras aulas, comecei também a marcar alguns ensaios em horário extra turno: nos meus dias de folga, os atores iam à escola de manhã para ensaiarmos.

A arma usada na cena da madame foi feita em minha casa, com o auxílio do meu marido, com papelão e cola quente e ficou uma réplica perfeita de um revólver. Comprei alguns jornais e coleí neles as falas dos personagens nos momentos das cenas em que deveriam ler as notícias. O figurino foi providenciado pelos próprios alunos: roupas do dia a dia mesmo, com exceção do Thiago, que preparou uma camiseta rasgada e suja para fazer o mendigo. Ana Beatriz usava uma bolsa, para guardar o revólver dentro.

Logo no segundo dia de ensaio, Jhenny não apareceu. Ela foi suspensa por ter-se envolvido em uma briga na escola. A suspensão era de três dias, mas a menina acabou não aparecendo mais nas aulas, somente ia à escola em dias de prova. Não me procurou mais para ensaiar a peça e quando consegui falar com ela, disse-me que não participaria mais porque não queria frequentar a escola naquele resto de ano e que faria somente as provas. Obviamente, esse era o posicionamento adotado

pela mãe da garota e ela estava ali somente me informando. Era uma pena, pois ela representava um perfil interessante para a peça com relação aos estereótipos, por ser uma menina negra e gorda. Ela mesma havia contribuído diversas vezes nas criações de cenas com base em bullyings reais que havia vivido na pele. Aquela suspensão pareceu ter causado nela um grande desencanto com a escola. Dado a situação, reconfigurei o texto e passei para a Clara todas as participações da Jhenny.

Os ensaios fluíram bem. Os atores vinham aos extras que marcávamos, pontualmente. Não faltaram nenhuma vez. Eram preocupados com os detalhes, corrigiam uns aos outros. Guilherme e Thiago decoraram todo o texto na primeira semana. Robson teve mais dificuldade, mas os colegas sabiam até mesmo as falas dele e ajudavam o tempo todo. Clara era mais tímida, passava longos momentos tendo “crise de riso” e todos tinham que esperar até que viesse a concentração.

Apesar de não ter ajuda da vice-diretora e a supervisora estar afastada desde meados de julho naquele ano, eu contava com o apoio da diretora. Ela fazia o que podia para que o meu trabalho prosseguisse, mas por se ausentar muito da escola enquanto resolvia pendências, sua ajuda era pouca. Mesmo assim, ela estava depositando muita expectativa naquele trabalho. A escola passava por momentos muito difíceis e ela se emocionou um dia, conversando comigo, quando me disse que todos ao redor apenas jogavam pedras, tudo o que ela ouvia eram reclamações e denúncias, e ela sentia que algo de bom poderia surgir do meu projeto, que aquilo poderia ser uma pequena semente de melhora.

Eu sempre tratei todos os alunos com muita amizade, mas daquela turminha eu fiquei muito próxima. Sentia por eles um carinho especial. Durante algum tempo eu me senti um tanto derrotada por não ter prosseguido com a turma inteira, mas fui me consolando à medida em que via os frutos do trabalho dos cinco. O empenho deles, a dedicação, me fazia encher o coração. Eles compreendiam a proposta da temática, viam como eram profundas as marcas deixadas pelo bullying e a importância de tratar todas as pessoas com igualdade, respeito.

Vê-los desejando que tudo desse certo, que fosse especial, me motivava a continuar fazendo o trabalho.

Apêndice 2 - Portfólio de atividades

Eis aqui algumas das atividades usadas durante as aulas com a turma.

Nome do jogo

Construção de objetos com mímica

Como fazer

Coloque a turma sentada no chão em formato de roda. Diga que nas suas mãos há uma massinha mágica, invisível, que se transforma em qualquer objeto que você quiser. Peça que todos prestem atenção no que você está formando com a massinha. Comece a mexer as mãos como se estivesse, de fato, moldando uma massinha e crie um objeto (por exemplo, óculos). Então mostre ao grupo como se usa esse objeto (coloque no rosto como se estivesse colocando óculos de verdade). Depois, retire o objeto, “amasse” a massinha e entregue para o colega da direita, que repetirá o processo, formando outro objeto.

Atenção: não poderão haver objetos repetidos. E também não é permitido falar enquanto cria. Se alguém do grupo quiser falar que objeto é aquele, é permitido, mas quem está moldando a massinha não pode falar nada.

Nome do jogo

Construção de cenas a partir de espaços variados

Como fazer

Faça papeizinhos com variadas opções de lugares: escola, aeroporto, supermercado, praça, feira, hospital, etc. Recorte os papeis, dobre-os e ponha num saquinho.

Separe os alunos em grupos de 3 a 5 integrantes. Peça que combinem entre si uma cena que deve começar em um lugar e acabar em outro. Para isso, cada grupo deverá tirar do saquinho 2 papeis e descobrir que locais serão. A invenção dos personagens e da temática da cena caberá ao grupo. Se você quiser, pode “dificultar” um pouco mais estabelecendo mais regras, como, por exemplo: um de vocês deverá ser um médico, ou um de vocês deverá ser um animal.

Nome do jogo

Guli Guli

Como fazer

É um jogo de mãos com música cantada pelo grupo.

Os alunos formam uma roda, em pé. A música se inicia e gestos são feitos a cada momento da música. Trechos cantados:

- *Aá tá tá / aá tá tá* – dar batidinhas nos joelhos do colega da esquerda.
- *Guli Guli Guli Guli* – agora no colega da direita, posiciona-se uma mão em cima da cabeça e outra em baixo do queixo fazendo gestual de pinça com os dedos, sem tocar no colega.
- *A tá tá* – batidinha nos joelhos do colega da esquerda.
- *Auê / auê* – individualmente, cada um balança os braços no alto para a direita e para a esquerda.
- *Guli Guli Guli Guli* – repete o que já foi descrito.
- *Atá tá* – repete o que já foi descrito.

Variações: modificar o tempo a cada execução, acelerando.

Nome do jogo

Contar de 1 a 10 sem repetir a numeração

Como fazer

Em roda, de pé, os alunos deverão exercitar a concentração e a empatia de grupo. O objetivo é que o grupo consiga contar de 1 a 10, sendo que apenas uma pessoa de cada vez poderá dizer em voz alta um número. Porém, sempre que duas ou mais pessoas disserem o mesmo número, a contagem será zerada, voltando ao 1 novamente.

Nome do jogo

Detetive Melodramático

Como fazer

O tradicional jogo do detetive, assassino e vítima, porém com uma variação: o melodrama⁸.

Recorte pedaços de papel em tamanhos iguais de acordo com o número de jogadores. Em um deles escreva a palavra ‘detetive’ e em outro, ‘assassino’. Distribuem os papéis dobrados entre os participantes. Aqueles que tirarem os papéis em branco serão as vítimas.

Os jogadores irão caminhar pelo espaço, de modo que todos olhem nos olhos uns dos outros. Discretamente, o assassino deve observar as vítimas e piscar para cada uma delas. O alvo da piscadela deve esperar alguns segundos e começar a encenar uma morte melodramática: bem exagerada e sentimental, indicando se foi por envenenamento, facada, tiro no peito, asfixia, etc. A vítima deve sofrer uma morte bem chamativa e todos os demais pararão para observar aquela morte. Alguém pode fazer de conta que é filho, esposa ou amigo daquele que morre. A vítima moribunda pode querer dizer suas palavras finais. As outras pessoas deverão se comportar demonstrando espanto e horror. Ao final daquela encenação de morte, a vítima sai para um canto da sala para onde irão todos os que morrerem.

Quem for o detetive deve ficar atento para tentar descobrir quem é o assassino, evitando que muitas vítimas morram. Assim que acreditar que sabe quem é, ele deve efetuar – também de forma melodramática – a prisão do assassino. Este, pode querer rebelar-se, fugir, fazer um discurso. O assassino, por sua vez, deve tomar cuidado para não piscar para o detetive ou acabará preso. Quando o assassino for desvendado ou o detetive eliminado, os papéis são redistribuídos e o jogo recomeça.

Dica: para o jogo não acabar cedo, peça ao detetive que, se descobrir logo quem é o assassino, demore um pouquinho para prendê-lo. Assim, a cena dura mais tempo.

⁸ O melodrama é um drama popular, por vezes com acompanhamento musical, que se caracteriza por um enredo complicado e pelo exagero de situações violentas e patéticas. Há uma intensa carga emocional nas personagens e nas situações em que se encontram imersas, recheadas de mistérios, sentimentalismo, suspenses, e outras formas de sofrimento e alegria próprias do cidadão. Disponível em <https://www.infoescola.com/teatro/melodrama/> - Acesso em 20 de junho de 2018.

Apêndice 3 - É ao meio dia que o sol encara sua sombra de frente

Texto teatral construído a partir de contos de Jô Bilac

Cena 1

(Peça começa com todos os atores lendo reportagens dos jornais andando de um lado para o outro no espaço.)

THIAGO – (lendo o jornal) Garoto de 10 anos sofre bullying e é agredido na escola por usar óculos. Criança foi internada por três dias após sofrer desmaios e convulsões.

CLARA – (lendo o jornal) Pai de atirador de GO diz que não sabia que filho sofria bullying. Em depoimento à polícia, major afirma que balas utilizadas pelo garoto na escola ficavam trancadas em uma gaveta e que ele nunca ensinou o menino a atirar.

ROBSON – (lendo o jornal) Marina Ruy Barbosa é garota-propaganda da campanha do papel higiênico *Personal Vip Black* e usou as redes sociais para lamentar e se desculpar pela má interpretação do slogan da campanha.

ANA BEATRIZ – (lendo o jornal) O casamento da modelo Michelle Alves e do empresário Guy Oseary trouxe diversas celebridades internacionais para o Rio de Janeiro, e a cantora Madonna é uma das mais animadas para a festa de seu empresário: no Instagram, a rainha do pop mostrou uma foto ao lado das filhas prontas para o casamento usando um look com transparência.

GUILHERME – (lendo o jornal) Bruna Marquezine e Manu Gavassi posam com amigos durante passeio em Nova York. A atriz aproveitou uma brecha nas gravações da próxima novela das sete para viajar com amigas.

CLARA – (lendo o jornal) Estereótipo de que 'matemática é para garotos' afasta meninas da tecnologia, diz pesquisador.

ROBSON – (lendo o jornal) Mulheres cientistas ainda sofrem com estereótipos no meio acadêmico. Apenas 33% dos pesquisadores nas áreas de exatas são mulheres.

THIAGO – (lendo o jornal) Agricultor é preso acusado de racismo. Após ofender o vizinho chamando-o de "preto sujo", ele ainda teria desacatado a polícia.

GUILHERME – (lendo o jornal) Um aluno da Universidade Federal do Paraná foi brutalmente espancado no último dia 23, por volta das 18 horas. O estudante foi agredido com socos, pontapés e pedradas por um grupo de aproximadamente dez homens. Com duas fraturas no maxilar, o rapaz terá que passar por uma cirurgia facial. A motivação do espancamento tem a ver com o fato de ele ser homossexual.

CLARA – (lendo o jornal) Jovem evangélica é demitida por se recusar a usar calça e denuncia preconceito religioso. Durante seu depoimento na Assembleia Legislativa, ela afirmou que foi dispensada no primeiro dia de serviço.

(Todos vão parar e ir embora pra coxia. Fica no palco somente a Clara.)

Cena 2

CLARA – (tentando ler, achando difícil) Este.... Esté... não, péra. Es-te-ri... Ai, que palavra esquisita!

ANA – Estereótipo?

CLARA – Como você deu conta de falar tão fácil?

ANA – Ah, é porque eu já tinha ouvido antes.

CLARA – Hum... e o que significa?

ANA – É tipo assim, quando você dá um rótulo pra uma pessoa baseado na maneira como ela se veste, ou como ela se comporta, ou onde ela mora. Entendeu?

CLARA – Ainda não...

ANA – Peraí. (assovia pra chamar os outros)

(Entram os outros atores, todos irão parar e ficar olhando para baixo. Ana coloca uma plaquinha pendurada em cada um deles. Nas plaquinhas, estarão escritas as palavras “mala”, “favelado”, “piriguete”, “crentinho safado”).

(Clara lê em voz alta o que está escrito em cada placa.)

CLARA – Mala... Favelado... Crentinho safado... Nossa!

ANA – Peraí que tem a sua também.

CLARA – A minha? Como assim.

ANA – Aqui está (coloca a plaquinha de “piriguete” em Clara)

CLARA – (lendo a própria placa) Piriguete.

ANA – E a minha. (Piriguete baixinha)

CLARA – (arranca a placa, revoltada) Não, ué. Não gostei disso não. Porque é que a gente tem que usar essas este- esteri- ah, esse negócio aí?

ANA – Ué, porque sim!

CLARA – Porque sim não é resposta!

ANA – E se ficar perguntando demais, além de piriguete vai ser chamada de resmungona.

CLARA – Mas isso tá errado!

ANA – (tentando consolar Clara) Eu sei, amiga. Mas a gente não pode fazer nada. É assim que são as coisas. Só de andar na rua você já vai ser rotulada por alguém. Dependendo de como você se veste ou que tipo de música ouve, vai ganhar outro apelido. Aceita, amiga, que dói menos.

(Saem)

Cena 3

(Entra Thiago com a roupa toda suja e rasgada, trazendo consigo o jornal, forra o chão e deita-se em cima dele).

GUILHERME (entra lendo e segurando o jornal) – Grifes bajulam artistas e vipes com brindes e serviços. Marcas dão viagens, noites em hotéis e presentes para quem gasta mais. Folha de São Paulo. Especial Dia do Consumidor. (Sai do palco)

(Entram Ana Beatriz e Clara, rindo muito, chiquérrimas, muito elegantes e se deparam com um moço deitado no chão, próximo ao carro delas).

(Meninas usam: bolsa, óculos chiques, sapato de salto)

BEATRIZ – Olha, amada. Esse moço aqui jogado no chão!

CLARA – Ah, coitadinho. Uma vítima do nosso sistema opressor!

BEATRIZ – É verdade... (começa a cutucar de leve o mendigo, depois vai intensificando os cutucões) Oi querido. Olá. (risadinhas) Oi. Querido. (insiste, mas o mendigo ainda dorme e não quer papo) Oi. Meu anjo. Queridinho. Oi. Acorda. Meu anjo. Acorda, querido. Oi. Ei. Olá. Opa. Acorda.

THIAGO – Desculpa madame, eu dormi na vaga do carro da senhora, né? Já to saindo...

BEATRIZ – Não, não, não... Não se incomode, imagina!

THIAGO – Eu saio, madame, não tem problema. A senhora pode tirar o carro, eu vou ali pra debaixo do viaduto e...

BEATRIZ – Não, que viaduto, o que? O senhor pode dormir tranquilamente na vaga do meu carro. Por favor.

THIAGO – Eu não quero causar incômodos...

BEATRIZ – Eu faço questão! Não é incomodo algum, fica à vontade.

(Beatriz fica parada, olhando e rindo pro mendigo. Clara repete o que Beatriz faz. Passam alguns instantes nesse clima esquisito)

THIAGO – E então?

BEATRIZ – Oi?

THIAGO – A madame vai ficar aí parada rindo pra mim?

BEATRIZ – Madame? (risadinha) Não! Vamos evitar formalidades! Prazer, sou Beatriz Bourbon de Bragança. (estende a mão pro rapaz).

THIAGO – (aperta a mão de Beatriz e olha pra Clara) E essa outra aí?

(Clara faz que vai falar mas Bia a interrompe)

BEATRIZ – ah, essa aqui é só a minha sombra, ahahaha. Nada de mais. Mas.... Qual é o seu nome, querido?

THIAGO – Mendigo mesmo.

BEATRIZ – Prazer, Mendigo Mesmo. Bom. Eu vou direto ao assunto, sem mais rodeios. Eu acabo de voltar de uma festa badaladérrima, *crème de La crème*, papa finérrima, coisa que você nunca vai ver! Enfim. Daí, quando vou estacionar o meu Porsche, vejo você aqui, dormindo ao relento,

sem a mínima dignidade, mas em profunda paz e isso me tocou. De verdade. Fiquei comovida. Pensei nesse mundo louco que gente vive, sabe? Essa coisa louca, de muitos que não tem nada e poucos que tem tudo. E daí fiquei pensando na Madre Teresa, na Opra, na Ana Maria Braga, no Mandela... Mandela é um cara que me emociona até hoje. Um cara fora de série. A história de vida do Mandela. Eu não posso nem falar no Mandela que eu fico com olho cheio d'água, emocionada mesmo. E daí fiquei pensando: caramba, Beatriz! O que você está fazendo da sua vida?

THIAGO – Desculpa interromper, madame, é que eu...realmente, estou muito cansado, amanhã peço logo cedo no lixão e...

BEATRIZ – No lixão? Que coisa linda! Lixão! O chorume do lixão! É o povo brasileiro que não se cansa e nem desiste, dessa gente que balança e que...

THIAGO – Madame, desculpa mesmo, mas realmente.

BEATRIZ – Ai, perdão! Eu aqui falando feito matraca. Louca! (ri)

(Clara ri também)

THIAGO – Então?

BEATRIZ – Então que eu queria te dar uma esmola.

THIAGO – Uma esmola.

BEATRIZ – É. Uma esmola. Algo simbólico. (solicita à Clara) Me dá minha bolsa. (abrindo a bolsa, assinando um cheque) Nada demais, um mimo! 3 mil, está bom?

THIAGO – Não, obrigado.

BEATRIZ – Não está bom? Quer mais? (solicita à Clara) Me dá minha bolsa. Tudo bem, 4 mil.

THIAGO – Não me leve a mal, mas eu não estou precisando. Obrigado.

BEATRIZ – O que foi? Achou 4 mil pouco?

THIAGO – Imagina, madame. Eu é que não quero mesmo. Obrigado, viu.

BEATRIZ – Você sabe mesmo jogar, rapaz. Tudo bem, 5 mil.

THIAGO – Não madame. Obrigado. Muito mesmo. Boa noite.

BEATRIZ – (ficando nervosa) O que há? Você não é mendigo? Não passa fome? Não passa frio? Então, esse dinheiro vai te ajudar. É de coração, eu sou rica, eu posso te dar, não vai me fazer falta.

THIAGO – Eu gosto de passar fome, de passar frio. Eu gosto.

BEATRIZ – E a pinga? E a cola de sapateiro? E o crack? Como é que vai comprar? Hein? Aceita, vai! Não custa nada! Aceita!

THIAGO – Não quero.

BEATRIZ – Já sei. Dinheiro não te interessa, não é? Você é ambicioso rapaz! Gostei de você! Você tem fibra! Quer joia, não é? Eu te dou as minhas joias! (tirando os brincos, relógio, etc e jogando pro mendigo) Leva as minhas joias! Toma! É ouro! Tem brilhante! Tudo seu!

THIAGO – Não quero... Eu só quero dormir, madame!

BEATRIZ – Meu dinheiro não é bom o bastante pra você? As minhas joias? Eu não sou digna o suficiente? É isso? Não estou à sua altura?

THIAGO – (tranquilo) Não, não é nada disso. Olha, você é ótima, eu é que estou noutra fase. Eu quero dar um tempo, repensar meus valores, saber se é realmente isso que eu quero. Me entende?

BEATRIZ – (nervosa) Você tem outra? É isso? Pode falar. É outra madame que te dá esmolas melhores, não é? Fala!

THIAGO – Não tem outra não, madame...

BEATRIZ – Então é o que? O meu Porsche! Você quer o meu Porsche, não é? É isso que você quer, desde o início. Faz parte do seu jogo!

THIAGO – (admirado) Jogo?

BEATRIZ – (cada vez mais nervosa) Sim! Isso é um jogo!

THIAGO – Não tem jogo algum, madame.

BEATRIZ – Se pensa que pode me jogar pra escanteio está muito enganado! (gritando com Clara) Me dá minha bolsa!! (saca um revólver da bolsa)

THIAGO – (apavorado) O que é isso, madame?

BEATRIZ – (apontando a arma para o mendigo) Um assalto *ao contré*! Ao estilo francês!

THIAGO – Calma, a madame está alterada...

BEATRIZ – (falando como marginal) Perdeu, maluco! Perdeu! Pega a minha bolsa, bora! Pega! Bora! Quer levar pipoco? Então, meu irmão, pega a bolsa! Bora!

THIAGO – (pegando a bolsa, amedrontado) Calma, madame!

BEATRIZ – Isso... Agora o bracelete! Bora! Pega o bracelete, isso, coloca no bolso, no bolso! Os brincos, agora! Bora! Não banque o engraçadinho ou eu estouro os seus miolos!

THIAGO – Calma, madame...calma!

BEATRIZ – Bora! Bora! A chave do carro! (joga a chave) Pega a chave!

THIAGO – Peguei, pronto, calma.

BEATRIZ – Agora vai lá e pega o Porsche e sai varado! Bora, rapá! Bora!

THIAGO – (confuso e apavorado) Mas eu nem sei dirigir, madame!

BEATRIZ – (louca) Se adianta, meu irmão! Se adianta! Bora! Pega o carro! Bora!

THIAGO – To indo, to indo! (sai correndo)

BEATRIZ – (respira fundo, fica alegre, satisfeita) Ai, ai.... (jogando a arma longe e abraçando Clara) Madre Teresa... Mandela... Tá vendo? Se cada um fizer a sua parte, esse país vai pra frente!

(Saem)

Cena 4

CLARA – (lendo jornal) Cidade do interior de Minas Gerais tem a energia exata para atrair extra terrestres. O Morro do Cruzeiro, ponto mais alto da cidade, é um ótimo lugar para observar o céu à procura de óvnis. Várias testemunhas juram que já viram alienígenas passando por lá. (Sai)

(Entram Robson e Guilherme)

ROBSON – (preocupado) Ai ai, será que eles vêm mesmo?

GUILHERME – Claro que vem! É preciso ter paciência, não é assim... os alienígenas são muito temperamentais, gostam de uma entrada impactante...

ROBSON – Mas já estamos aqui faz horas e até agora nada!!!

GUILHERME – (reparando na roupa do Robson) Não acredito! Você ainda está assim?

ROBSON – ah, qual é, estamos no meio do nada!

GUILHERME – Não senhor. Estamos a um passo de entrarmos em contato com uma civilização avançada, superior, inatingível e você está de shortinho! O que eles irão pensar ao ver o representante masculino da nossa espécie de shortinho! Vai lá colocar o smoking!

ROBSON – Tá doido, Guilherme?

GUILHERME – (irritado) Doido eu vou ficar, Robson, quando os alienígenas chegarem aqui e o senhor ainda estiver com esse chinelinho de dedo!!! Aí eu vou ficar louco, maluco, doente!!

ROBSON – E você acha que isso faz diferença pra eles?

GUILHERME – Claro né! Eles precisam nos ver e entender que somos uma raça superior!

ROBSON – Mas... e se eles não vierem...?

GUILHERME – (pega Robson pelo ombro e aponta para o horizonte) Criatura, olha só pra esse lugar... essa energia no ar!!! E você viu nos jornais: as criaturas estranhas estão por aqui... Você não sente? (empolgado) É magnético, Robson!!! Tá sentindo?

ROBSON – (totalmente desligado) Não...

GUILHERME – Ah, você não acredita em nada.

(Guilherme pega o jornal, enrola e faz de conta que é uma luneta-binóculo e começa a observar, olhando para a plateia. Fica surpreso quando encontra alguma coisa e cutuca Robson para que ele veja também)

GUILHERME – (empolgadíssimo) Ai ai ai! Olha, Robson. Olha ali!!

ROBSON – Onde?

GUILHERME – Pega seu binóculo! Olha ali!! Naquela direção!! São eles!

ROBSON – (fazendo o binóculo com o jornal também) Eu não tô vendo!

GUILHERME – Presta atenção! Olha ali, os alienígenas!! (aponta para algum lugar na plateia)

ROBSON – Caramba, Guilherme, não tô vendo nada!

GUILHERME – Meu filho! Abre sua visão, procura por estranhas criaturas que são totalmente diferentes de nós. Você vai achar. Se concentra, vai.

ROBSON – (fica entusiasmado) Sim!! Sim! Agora tô vendo. É uma criatura gorda... da pele escura...

GUILHERME – Exatamente!! E olha mais pro lado, você vai ver outro. Um veadozinho!

ROBSON – Nossa!!! Eu sempre quis ver um desses! Como você sabe que é veado?

GUILHERME – Ué, pelo jeito de andar né, de conversar... dããããr...

ROBSON – É mesmo... ih, olha lá, tô vendo mais um alienígena!!

GUILHERME – Qual? Onde?

ROBSON – Ali, olha: uma loira.

GUILHERME – E se é loira...

ROBSON e GUILHERME (juntos) – ... É burra!!!! (riem)

GUILHERME – Olha lá: um favelado!

ROBSON – uma piriguete!

GUILHERME – um crentinho safado!

ROBSON – uma macumbeira!

GUILHERME – um mala!

ROBSON – uma gorda!

GUILHERME – um nerd que usa óculos!

ROBSON – um pobre que vai pra escola de chinelo!

GUILHERME – uma cadeirante!

ROBSON – um menino que tem dislexia!

(Os outros atores vão se aproximando devagar, sem que Robson e Guilherme percebam. Eles entram usando luneta-binóculos feitos de jornal também, olhando fixamente pros dois, até chegarem bem perto deles e tamparem a visão deles.)

GUILHERME – Ué... não consigo mais enxergar...

(Ana, Clara e Thiago falarão as próximas falas, encobrendo Guilherme e Robson)

ANA – Um preconceituoso!

CLARA – Um babaca que acha que é melhor que a gente.

THIAGO – Alguém que só ama a si mesmo.

JHENNY – Sem coração!

ANA – Só sabem estereotipar todo mundo.

(Vão falando, falando, falando, até virar a maior barulheira. Pegam os dois e levam com eles pro fundo do palco, arrastando-os pelo chão)

(Clara volta sozinha falando ao público)

CLARA - E foram abduzidos!

Fim.